

Coleção Histórias de Sergipe

Jaime Araújo

História de “um tipo inesquecível”



Lenalda
Andrade
Santos

Jaime Araújo

História de “um tipo inesquecível”

autoria

Lenalda Andrade Santos

colaboração de

Selma Fontes de Araujo Andrade

2021

GOVERNADOR DO ESTADO DE SERGIPE

Belivaldo Chagas Silva

Coordenador do Programa Editorial da SEDUC

Sidiney Menezes Gerônimo

VICE-GOVERNADORA DO ESTADO DE SERGIPE

Eliane Aquino Custódio

Assessor Administrativo do Programa Editorial da SEDUC: Jonas José de Matos Neto**SECRETÁRIO DE ESTADO DA EDUCAÇÃO, DO ESPORTE E DA CULTURA**

Josué Modesto dos Passos Subrinho

Membros do Conselho Editorial:

Josué Modesto dos Passos Subrinho (Presidente), Sidiney Menezes Gerônimo (Coordenador), Simone Paixão Rodrigues, Rosemeire Marcedo Costa, Eliana Midori Sussuchi, Débora Evangelista Reis Oliveira, Roberto Jerônimo dos Santos Silva, Aglaé D'Ávila Fontes.

SUPERINTENDENTE EXECUTIVO DE EDUCAÇÃO

José Ricardo de Santana

SUPERINTENDENTE ESPECIAL DE ESPORTE

Mariana Dantas Mendonça Gois

Jaime Araújo: História de “um tipo inesquecível”

Capa: Vitória Bezerra**Diagramação:** Vitória Bezerra**Editora SEDUC – 2021**

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

Santos; Lenalda Andrade

C331t Jaime Araújo: História de “um tipo inesquecível”/
Lenalda Andrade Santos – Aracaju : Editora SEDUC, 2021.
128f. : il. color – (Coleção História de Sergipe)

ISBN 978-65-996788-3-7

1. Memória Histórica. 2. Sergipe - Nossa Senhora das Dores.
3. Identidade Cultural. I. Carvalho, João Paulo Araújo de. II. Título.

CDU:

Ficha elaborada pela bibliotecária Ma. Isis Carolina Garcia Bispo – CRB-2037SECRETARIA DE ESTADO
DA EDUCAÇÃO, DO ESPORTE
E DA CULTURA**SERGIPE**
GOVERNO DO ESTADO

Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura - SEDUC
Rua Gutemberg Chagas, 169, DIA Inácio Barbosa, Aracaju - SE | CEP: 49040-780

Jaime Araújo

História de “um tipo inesquecível”

autoria
Lenalda Andrade Santos

colaboração de
Selma Fontes de Araujo Andrade



SECRETARIA DE ESTADO
DA EDUCAÇÃO, DO ESPORTE
E DA CULTURA



SERGIPE
GOVERNO DO ESTADO

O Programa Editorial da SEDUC

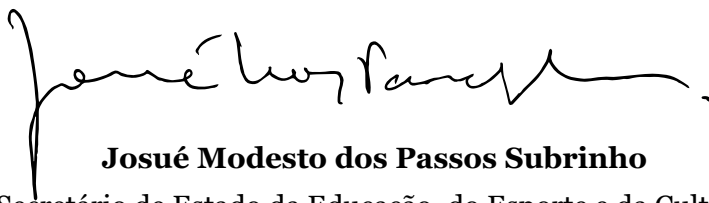
O Programa Editorial da Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura - SEDUC/SE apresenta à sociedade os livros produzidos por estudantes, professores(as), profissionais de gestão e pesquisadores(as) em geral, envolvidos(as) com as redes públicas estadual e municipais da educação sergipana. O lançamento dessas obras sinaliza para a concretização de metas estabelecidas no **Plano de Governo Pra Sergipe Avançar (2019-2022)**, cuja execução contou com a participação do Conselho Editorial da SEDUC, de representantes das comunidades escolares e das academias de letras locais. O resultado dessa construção coletiva está materializado nas **Coleções de livros** do Programa Editorial da SEDUC.

A magia de escrever e desenhar é a coleção que cultiva o jardim das primeiras letras, cuidando carinhosamente do processo de alfabetização. A coleção **Estudante escritor(a)** cuida de cada palavra como flor do processo de letramento, que evolui junto com nossos(as) estudantes dos ensinos fundamental e médio.

Já a coleção **Palavra de Educador(a)** transforma dissertações e teses em livros científicos, bem como publica as aventuras docentes pelo universo literário. A coleção **Saberes em gestão educacional**, por sua vez, abriga a produção dos(as) profissionais de gestão que atuam nas estruturas administrativas da SEDUC e das Secretarias Municipais de Educação.

Histórias de Sergipe é o nome da coleção responsável pela preservação da memória sergipana, ao passo que a coleção **Paradidáticos sergipanos** gesta material de apoio didático para todos os componentes curriculares da educação básica. Por fim, a coleção **Autores(as) da inclusão** abraça as criações de estudantes com deficiência no âmbito da educação pública do nosso Estado.

Espera-se que, a cada ano letivo, um novo empreendimento editorial seja divulgado, a fim de que as comunidades escolares possam desenvolver uma cultura escolar do hábito da leitura e da produção da escrita.



Josué Modesto dos Passos Subrinho

Secretário de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura

PREFÁCIO

Um sergipano marcante

Ainda na primeira metade do século passado chegou ao Brasil a revista *Seleções do Reader's Digest*. Ela trazia uma sessão intitulada “Meu tipo inesquecível”, destacando pessoas interessantes, que no convívio social haviam criado histórias especiais. Pessoas que souberam, antes de tudo, ser amigas, com capacidade de enxergar necessidades, de resolver problemas simples ou complicados, enfim, gente marcante, para os próprios amigos e mesmo para a sociedade. Assim se referiu a Jaime Araújo, explicitamente, Alberto Carvalho, um grande amigo dele, em depoimento que inspirou o título deste livro. Assim também, implicitamente, falam dele todos os que lembram a sua figura e a sua trajetória: um tipo inesquecível.

Contactada por Selma Fontes, a filha desejosa de homenagear o pai, a professora Lenalda Andrade Santos aceitou a difícil tarefa de ir à busca de um perfil desse homem citado em textos de memória e história referentes aos anos da chamada “tutela militar” em Sergipe, como um importante ator da luta pela democracia, que contribuiu na construção do Movimento Democrático Brasileiro, o MDB. Retomando essas informações, era preciso entender o ser humano, respeitando características que ele mesmo tanto prezava: a sinceridade, a honestidade, ainda quando, porventura, os aspectos encontrados não parecessem bem-postos numa figura pública relevante.

Esse desafio foi bem encarado pela autora, que soube construir um texto leve, agradável à leitura e muito próprio para tornar conhecido um dos sergipanos marcantes na contemporaneidade, indo além dos relatos de memória dos amigos e familiares e das referências encontradas em livros específicos. A figura de Jaime Araújo ganha em amplitude, porque a historiadora a coloca no âmbito macro da nossa história situando-a muito além, desde as origens, na cidade de Frei Paulo e entremeando a sua trajetória com dados da história da educação em Sergipe, do movimento estudantil, da luta contra a ditadura Vargas, das lides da imprensa e do fórum, da história de nossas instituições, da memória arcajuana - com acento para a vida boêmia de intelectuais - da luta democrática contra a ditadura civil-militar e dos primeiros anos do retorno à democracia.

Todo esse percurso é ilustrado por uma iconografia preciosa, capaz de sugerir ainda outras leituras, uma exposição do acervo da família que cobre, com encanto particular, da infância à agitada vida pública do biografado. Uma trajetória eletrizante, particularmente nas décadas de cinquenta e sessenta, no século passado, em que ele soube, com velocidade incomum, aproveitar de várias experiências, desde a projeção no movimento estudantil, até a realização de sonhos pela atuação no jornalismo, na advocacia e na vida política, abruptamente interrompida pelo AI-5, que lhe impingiu a cassação e perda dos direitos políticos.

Mas a vida ainda lhe concedeu superar as dificuldades e exercer importantes funções públicas, até quando a morte veio colhê-lo repentinamente, na véspera do aniversário de quinze anos da filha

mais nova. Construiu um currículo múltiplo e deixou inegável contribuição à sociedade, sem renunciar a um estilo de vida irreverente, como se fosse possível viver uma eterna juventude, da qual ele nunca abriu mão, não obstante ter formado uma família e ter sido um profissional respeitado e reconhecido.

Aqui está um dos méritos desta obra, que traz a público um personagem da história, sem ceder à velha tentação de apresentá-lo “com maquiagem” Ela aproxima do leitor um ser humano concreto, com qualidades e defeitos, ao nível do homem comum, o que certamente pode torná-lo mais conhecido e realçar o seu papel num momento crucial da nossa história.

É claro que sabemos que a história não dá lições; ao contrário, nela abrem-se aos seres humanos várias possibilidades. Mas conhecer trajetórias em condições dadas é sempre parte da reflexão que torna mais claros os inúmeros caminhos que podem ser percorridos.

Aracaju, novembro de 2021.

Terezinha Alves de Oliva

SUMÁRIO

Capítulo 1

COMEÇO DE UMA HISTÓRIA DE VIDA 12

Capítulo 2

JORNALISMO & ADVOCACIA 40

Capítulo 3

POLÍTICA & DITADURA 65

Capítulo 4

FAMÍLIA & AMIGOS 90

DEPOIMENTOS DE ALGUNS AMIGOS 112

COM A PALAVRA FINAL, *os filhos de Jaime de Araujo Andrade* 117

HOMENAGENS PÓSTUMAS 123

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 125

ENTREVISTADOS 127

CAPÍTULO 1

***COMEÇO DE UMA
HISTÓRIA DE VIDA***

Pela sua localização mais afastada do litoral, as terras da região denominada Itabaiana atraíram desde cedo pessoas contempladas com a posse de sesmarias, além de índio e negros fugidos do litoral que ali haviam se refugiado. Por outro lado, a expansão das fazendas de gado e a busca dos metais preciosos que se acreditava existirem na região atraíram cada vez mais pessoas interessadas que acabavam se estabelecendo nas suas terras. O aumento da população e da importância econômica do lugar fez com que Itabaiana fosse incluída entre as primeiras povoações sergipanas a ganharem status de vila, no ano de 1698.

“A expansão do gado se iniciou com a colonização sergipana a partir do rio Real. Em 1607, segundo cartas de doação de sesmarias, os colonizadores com seus rebanhos já alcançavam as matas de Itabaiana e Simão Dias, num movimento expansionista de Sudeste para sudoeste, seguindo o curso do Vaza-Barris, distanciando-se do litoral.” (Nunes, 1989, p. 97).

A crescente expansão do movimento de ocupação de terras do agreste e sertão sergipano também motivou religiosos a se estabelecerem na região, motivados pela oportunidade de realização de trabalhos missionários junto à população ali residente. Aqui, como em todas as regiões do Brasil, a Igreja Católica esteve no centro da colonização e do crescimento das localidades. Foi esse o contexto que levou o frade Capuchinho Paulo Antônio Damele Casanova a dar início, no ano de 1868, ao trabalho de pregação missionária no

lugarejo de nome Chã de Jenipapo, localizado no centro das chamadas Matas de Itabaiana.

“Com autorização do Governo da Província e com a ajuda dos fiéis, animados por sua palavra inflamada, [Casanova] construiu um tanque com uns quarenta e cinco metros de comprimento, quarenta de largura e mais de três de profundidade. Na mesma época começou a construção da capela bastante ampla, já prevendo o rápido desenvolvimento do povoado e sua elevação à categoria de paróquia”. (Matos Neto, 1999, p. 34).

Nove anos depois, em 1879, Frei Paulo Antônio celebrou a primeira missa na Igreja dedicada ao Apóstolo São Paulo, cujo nome foi dado ao povoado surgido em Chã de Jenipapo. “Crescendo o número de habitantes e tornando-se um centro importante, [o povoado] passou sucessivamente à categoria de distrito administrativo (29 de abril de 1886), de vila independente do município de Itabaiana (25 de abril de 1890) e finalmente de cidade (1920)”, quando recebeu o nome de São Paulo.

“Quando por lei federal ficou estabelecido que não houvesse duas ou mais cidades com o mesmo nome no território nacional, o povo, lembrado das benemerências de Frei Paulo Antônio de Casanova, prestou-lhe uma justa homenagem dando seu nome à cidade que hoje se chama Frei Paulo (1944)”. (Matos Neto, 1999, p. 34/35).

Na São Paulo do Sertão sergipano, ou “São Paulo moleque”, apelido dado à cidade por seus moradores, vivia o casal formado por Balthazar da Costa Andrade e Florentina de Araújo Andrade, mais conhecida pelo apelido de Pombinha, por causa da cor alva

da pele. Ele, oriundo da própria localidade, conheceu Florentina após mudança da família da moça de Capela para o município de São Paulo.



Florentina de Araujo Andrade. 1953

No dia 02 de março de 1932, nasceu o sexto filho do casal, batizado Jaime de Araújo Andrade. Balthazar e Florentina tiveram quatorze filhos e foram também responsáveis por cuidar durante algum tempo de sobrinhos de Florentina, cujos pais morreram vítimas da gripe espanhola de 1918. Dentre os sobrinhos, Crisolita Araujo permaneceu na companhia da tia até contrair matrimônio. De uma pequena padaria que funcionava na própria casa, além de um sítio, vinha o sustento da numerosa família, situação comum à

população local em meados do século XX.

Conforme Matos Neto, “Dos 13.769 moradores da cidade de São Paulo no ano de 1940, 2.534 viviam na área urbana e 11. 235 na zona rural” (Matos Neto, 1999, p. 266).

O plantio do algodão, de gêneros alimentícios, e a criação de gado asseguravam melhores condições de vida apenas a alguns grandes proprietários de terra e de fábricas de descaroçar algodão ali instaladas.

Na rotina de uma família interiorana dos anos 1930, o garoto Jaime viveu seus primeiros anos de vida cercado pelos irmãos mais velhos e pelos mais novos que não acabavam de chegar. E assim continuaria, não fosse um incidente acontecido quando tinha seis anos de idade. Brincando com os irmãos num paiol, Jaime aspirou um grão de milho que permaneceu instalado numa cavidade do nariz e, sem que fosse descoberto, causou infecção, fato que deixou seqüela permanente no nervo ótico. Para os cuidados médicos que se faziam necessários, sua mãe recorreu à sobrinha que fora por ela criada e que, já casada, morava em Itabaianinha, cidade para onde o garoto foi levado.

Crisolita e o esposo, Lourival Luz Bispo, não tinham filhos e ela já havia revelado à tia o interesse em adotar um dos seus meninos. Seu preferido era um irmão mais novo que Jaime, mas a necessidade de acompanhamento médico do problema causado pelo milho na narina, fez dele o escolhido para adoção. Iniciava-se uma nova fase na vida do garoto. Após viver um breve período de mudança entre as cidades de Itabaianinha, Estância e Laranjeiras, em

virtude do trabalho de Lourival como telegrafista, a família se estabeleceu em Aracaju, lugar onde Jaime cresceu, profissionalizou-se, constituiu família, cultivou grandes amizades e faleceu.



Jaime no primeiro ano do curso primário. Colégio Serrano, Itabaianinha. 1938.

Ao deixar sua casa, o garoto freipaulistano rompeu também os laços afetivos com a família biológica. Desde então, manteve contatos esporádicos, casuais, com pais e irmãos, quando eles vinham a Aracaju e hospedavam-se na casa de Crisolita, e mesmo no curto período em que a mãe e alguns irmãos moraram na capital sergipana, antes de se estabelecerem em Salvador.

A relação mais próxima entre Jaime e a família biológica se deu através dos irmãos Balthazarina e Balthazarino. Ela era a mais velha dos irmãos consanguíneos de Jaime e faleceu em janeiro de 2018, aos 92 anos de idade. Após casar com José Barbosa, fiscal da Receita Estadual, Balthazarina Andrade Barbosa morou em algumas cidades do interior sergipano, antes de fixar residência em Aracaju. Dentre os irmãos, pode viver relação fraternal mais intensa com Jaime.

Entrevistada em 2016, Balthazarina revelou que “Jaime foi a melhor pessoa de sua vida” (entrevista realizada em 20/08/2016), de forma que, aos noventa e um anos, e quase trinta decorridos da morte do irmão, sua entrevista foi marcada por acessos de choro e elogios a ele, de quem destacou em especial a alegria e inteligência. Dentre as influências recebidas de Jaime, Balthazarina destacou uma em especial, a descoberta do prazer da leitura e mencionou o fato de contar com ele para tirar dúvidas sobre fatos ou palavras que não entendia na leitura de jornais. Falou também sobre as constantes visitas do irmão à sua casa e o cuidado que tinha com ela.

A forte ligação entre Jaime e Balthazarina foi também men-

cionada pelos irmãos Manoel e Afonso Pacheco, amigos fraternos de Jaime por longa data. Segundo Afonso Pacheco, ele também era muito ligado à irmã. “Nas reuniões com amigos, marcadas por bebedeiras que comumente aconteciam na casa de Jaime, era possível perceber uma certa apreensão do mesmo quando avistava a irmã chegando, por uma questão de respeito” (Entrevista realizada em outubro de 2016).

Balthazarina tinha muito da irreverência de Jaime. Estive com ela apenas por ocasião da entrevista, o que bastou para deixar uma forte impressão. Apesar da dificuldade respiratória falava alto, sem deixar espaço para interrupções e fazia uso de muitos e seguidos palavrões. Mas, se os fatos relativos ao irmão se apresentavam embaralhados por falhas da memória, sua fala era reveladora do amor e da admiração que continuava a nutrir por Jaime, morto há tanto tempo.

Durante um período de quatorze anos Jaime foi filho único de Crisolita e Lourival, situação que mudou quando a mãe finalmente conseguiu dar à luz um bebê, batizado Edson Araujo Luz. Mas a chegada do tão esperado filho não mudou a primazia que Jaime havia conquistado junto aos pais adotivos. Quando entrevistado, Edson afirmou que “a paixão da mãe por Jaime era tão grande que fazia parecer ser ele o filho adotivo”. Outro ponto destacado diz respeito à paciência da mãe com as farras e os efeitos das bebedeiras do irmão, citando como exemplo fato ocorrido num dia em que ela precisou limpar a geladeira onde Jaime havia urinado na noite anterior, pensando tratar-se do vaso sanitário. Sua esposa Tatiana Melins Luz endossou a opinião de Edson sobre a preferência da

sogra por Jaime e contou que a mesma, ao ver fotos dele, costumava dizer com orgulho que a imagem vista não era de uma pessoa, era de “uma paisagem, porque enchia os olhos”. (Entrevista em 19/08/2016).

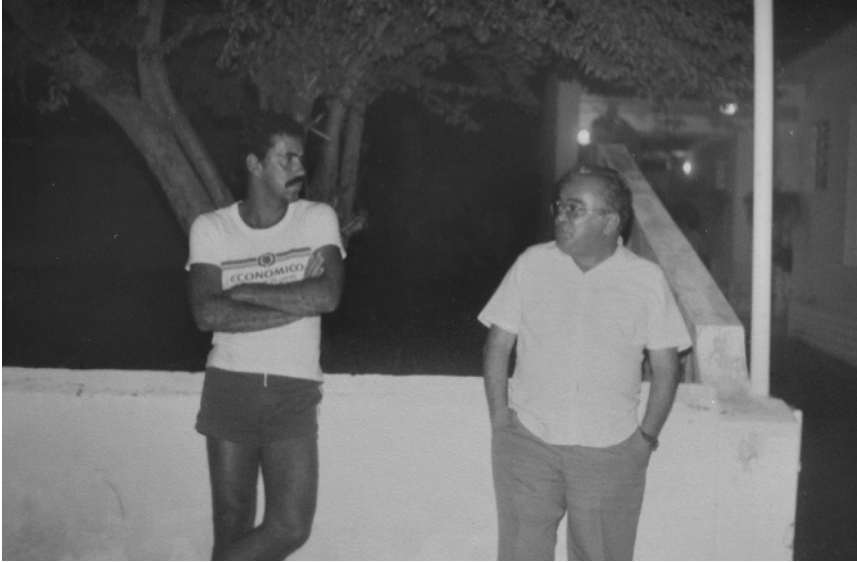
Durante o longo tempo como filho único do casal e mesmo após a chegada do irmão, Jaime correspondia às expectativas dos pais adotivos, como o estudante que desde cedo provou com bons resultados escolares possuir notável capacidade intelectual e garra para ir longe, fato comprovado mais tarde com os êxitos que alcançou na vida pessoal e profissional.



Crisolita e Lourival, pais adotivos de Jaime. 1975.

Parece ter sido Jaime um modelo do filho sonhado por Crisolita, da mesma forma que ela foi o modelo de mãe que Florentina não podia ser. Chamada por ele de “minha mãe”, foi Crisolita quem o acompanhou nos eventos mais importantes da sua vida, como na solenidade de formatura no curso de Direito e na cerimônia de casamento. Mesmo com a presença da mãe biológica, foi de mãos dadas com Crisolita que Jaime percorreu a nave da Igreja São José para receber Maria Maura como esposa. Registre-se que foi com Crisolita e Lourival que Maura e seus filhos mantiveram as mais estreitas relações familiares.

Na entrevista o irmão Edson falou sobre a lembrança que guarda do período em que, ainda garoto, acompanhava os pais nas idas diárias à casa do irmão para visitas ao casal e seus filhos pequenos, mencionando as ruas que então percorriam e o fato de o pai sempre portar um guarda-chuva nessas ocasiões. Também descreveu o ritual cumprido por ele aos sábados: ir duas vezes seguidas ao Mercado Municipal (hoje, Mercados Antônio Franco e Tales Ferraz), “Primeiro ele ia fazer as compras da família e, após deixar as mercadorias em casa, retornava para fazer a feira da casa de Jaime”. Anos mais tarde Maura o apanhava em casa e lá iam os dois para o Mercado no automóvel que ela dirigia. (Entrevista em 19/08/2016).



Jaime com o irmão Edson em frente à casa da rua Joaquim Góis, seu último endereço.

Mas Edson também guarda na memória a lembrança das sessões de cinema (matinês) às quais era levado pelo irmão, do dinheiro que o mesmo lhe dava e das quantias mais generosas que recebia em conformidade com o tempo de bebedeira de Jaime, das broncas recebidas por preferir o esporte ao estudo e da tolerância da mãe com os efeitos do excesso de bebida ingerida pelo irmão. Contudo, a lembrança do cheiro do cigarro que Jaime costumava fumar foi motivo do relato mais contundente feito por Edson. Segundo ele, o hábito que Jaime tinha de fumar no banheiro e deixar ali as pontas de cigarro marcou sua memória olfativa. O cheiro forte que impregnava o espaço era tão repugnante que dele não conseguiu esquecer. Edson também destacou que o lado positivo do vício do irmão foi criar nele total intolerância ao fumo.

Vejamos um breve histórico da educação em Sergipe, antes de falar sobre a formação escolar de Jaime. À exemplo das demais províncias, Sergipe também demorou a superar as limitações no

campo educacional, de forma que somente no final do século XIX começaram a funcionar as primeiras escolas de nível secundário. Objetivando centralizar na capital da Província a oferta destes cursos, o Presidente Francisco José Cardoso Júnior autorizou no ano de 1870, a criação do Atheneu Sergipense, destinado a oferecer um Curso de Humanidades com duração de quatro anos, e um Curso Normal, com duração de dois anos.

“Em 3 de fevereiro de 1871, foram instaladas as aulas do Atheneu Sergipense. Pompas e Missa Votiva, em graças à inauguração da Unidade de Ensino, foram realizadas na Capela de São Salvador, na presença de diversas autoridades, inclusive do então presidente da Província” (Franco, 2015, p. 65). Funcionando inicialmente “em um prédio cedido pela Câmara Municipal, adaptado para as atividades pedagógicas”, o Atheneu ganhou sua primeira sede em dezembro de 1872, localizada na Praça da Conceição, atual Praça Olímpio Campos. As dificuldades econômicas, sociais e políticas do fim do Império e dos primeiros tempos da República, se refletiam na constante alteração dos Regulamentos de Ensino e no número de alunos matriculados, especialmente no nível secundário. Neste sentido, o governo do Presidente Maurício Graccho Cardoso, de 1922 a 1926, marcou o início de uma nova fase. “O investimento na educação era uma prioridade de sua administração, considerando-se a defesa ardorosa que fazia, ao longo da campanha política, a respeito da responsabilidade do Estado na oferta do ensino público e gratuito como instrumento indispensável à construção de uma sociedade distante do perigo da ignorância, considerada, por ele, um dos mais significativos elementos do atraso do Brasil”

(Franco, 2015, p. 113). Segundo ela, Graccho Cardoso também deu especial atenção ao Atheneu e foi dele a iniciativa de mudar o nome da unidade de ensino para Atheneu “Pedro II”, em homenagem ao Imperador, e a construção de uma nova sede, localizada na Avenida Ivo do Prado.

No dia 13 de agosto de 1926, foi inaugurada a nova sede do Atheneu “Pedro II”, “contando com a honrosa presença do presidente eleito da República, Dr. Washington Luís, de autoridades federais e estaduais e da sociedade sergipana [...] A alegria se irradiava por toda a capital. A edificação destacava-se entre os prédios residenciais da avenida, guardada pela imponente águia de asas abertas, marca registrada da administração Graccho Cardoso”. (Franco, 2015, p. 127/128). O prédio então construído para abrigar o Atheneu “Pedro II” é aquele onde está instalado o Museu da Gente Sergipana.



Museu da Gente Sergipana. Antigo Colégio Atheneu Sergipense. Aracaju-SE.

Após o golpe que instituiu o Estado Novo no Brasil (1937), o Interventor Eronildes de Carvalho determinou a mudança do nome do Colégio Atheneu “Pedro II”, que passou a ser denominado Colégio Atheneu Sergipense, através de Decreto de 16 de fevereiro de 1938. “O Atheneu estava no auge e era uma casa de educação reconhecida entre as mais importantes do Nordeste. Totalmente equipado, possuía um quadro de professores constituído pela nata da intelectualidade sergipana”. (Franco, 2015, p. 153).

Ainda durante o Estado Novo o governo reformou o ensino secundário no Brasil (1942). De acordo com proposta originalmente apresentada pelo Ministro Gustavo Capanema, o ensino secundário passou a ser ministrado em dois ciclos. “O primeiro compreenderá um só curso: o curso ginásial, ministrado em 4 anos. O segundo compreenderá dois cursos paralelos: o curso clássico e o curso científico, ministrado em 3 anos. No curso clássico, concorrerá para a formação intelectual, além de um maior conhecimento de filosofia, um acentuado estudo das letras antigas; no curso científico, essa formação será marcada por um estudo maior de ciências”. (Franco, 2015, p. 157).

A exigência de que os estabelecimentos de ensino secundário passassem a adotar somente a denominação de ginásio ou colégio levou a uma nova mudança no nome do Atheneu, que passou a denominar-se Colégio de Sergipe. No ano seguinte (1943), o presidente Getúlio Vargas assinou Decreto mudando o nome do estabelecimento para Colégio Estadual de Sergipe.

Quando veio com a família morar em Aracaju, aos dez anos

de idade, Jaime já tinha feito o curso primário, iniciado na cidade de Itabaianinha e concluído em Laranjeiras. No recém-nomeado Colégio Estadual de Sergipe, instalado na Avenida Ivo do Prado, ele foi um dos estudantes aprovados no exame de admissão para ingresso no curso ginásial no ano letivo de 1944. Importante registrar que Jaime Araujo, Lucila de Oliveira Moraes e Raimundo Ferreira de Aragão, destacaram-se com as melhores classificações.

Jaime nas instalações do Colégio Estadual de Sergipe. Década de 1940.



Ao concluir o ginásio, no ano de 1947, Jaime foi nomeado, interinamente, Mensageiro do Departamento dos Correios e Telégrafos. Trabalhando durante o dia, ele deu continuidade aos estudos fazendo o curso clássico no turno da noite, ainda no Colégio Estadual de Sergipe.

As aulas do último ano do Clássico foram frequentadas num prédio novo, o mesmo que ainda hoje abriga o Colégio Atheneu. “O ano letivo de 1951 foi marcado pela transferência do Colégio Estadual de Sergipe para as novas instalações. Embora inacabada, a nova sede erguida em uma quadra da rua entre as ruas Monsenhor Silveira, a oeste; Villa Cristina, a leste; e Campos, ao sul; teve ainda construída na porção norte, a praça que recebeu o nome, em merecida homenagem, do Dr. Graccho Cardoso”. (Franco, 2015, p. 175).

Aos vinte anos de idade, Jaime iniciava uma nova fase de vida. Cercado pelo amor dos pais, trabalhava nos Correios e completara o secundário na melhor escola pública do Estado. Dos estudos realizados no Colégio Estadual de Sergipe obtivera não apenas o certificado de conclusão do curso ginasial e do curso clássico. Tinha adquirido uma formação intelectual que o habilitava a ingressar no Curso Superior, qualquer que fosse a área escolhida e conviveu com colegas que se tornariam amigos de toda vida, como foi o caso dos irmãos Manoel e Afonso Pacheco, além de Alberto Carvalho. A ligação deles com Jaime foi resultado de motivações comuns, mas acabaram adquirindo algumas especificidades. Manoel e Alberto foram depois colegas da Faculdade de Direito e das farras. Manoel Pacheco foi um amigo mais presente nos programas de “mo-

lecagem” de Jaime, conforme ele próprio declarou. Alberto Carvalho, também companheiro de farra, tornou-se o mais frequente interlocutor de Jaime nos debates políticos e culturais, em especial nos relacionados à literatura. Já sua ligação com Afonso Pacheco, iniciada mais tardiamente, tinha bases mais firmes nas relações familiares. Foi por intermédio de Afonso que Jaime conheceu a estudante universitária Maria Maura, que veio a tornar-se sua esposa, fato que ajudou a unir as famílias que os dois acabaram por formar.

Conforme Manoel Pacheco, seu relacionamento com Jaime teve início também no Colégio. “Desde 1945, já éramos colegas no Atheneu e, desde então, comecei a frequentar a casa de Crisolita”, lembrada pelo zelo com que mantinha o brilho do piso de madeira. Diz que se separaram em 1948. “Comecei a trabalhar numa loja de propriedade do meu pai e passei a estudar à noite. Jaime também fez o secundário no turno da noite. Mas eu frequentava as aulas do curso Científico e ele do curso Clássico. Voltamos a nos encontrar na Faculdade, só que ele se formou em 1957 e eu em 1958”. (Entrevista em 05/09/2016).

Foi também como aluno secundarista do Colégio Estadual de Sergipe que Jaime começou a vivenciar a experiência da política estudantil e a revelar o espírito de liderança, o brilhantismo da oratória e a capacidade intelectual que acabaram marcando sua trajetória profissional. A participação no movimento estudantil o levou à diretoria da União Sergipana dos Estudantes Secundaristas

(USES), no início dos anos cinquenta, quando ocupou o cargo de Secretário.

No livro *Memórias da Resistência*, no qual analisa o papel do MDB na luta contra a ditadura militar em Sergipe e tem como foco a atuação política de José Carlos Teixeira, Jorge Carvalho do Nascimento, faz referência ao início da atuação do mesmo no movimento estudantil, quando também aconteceu a iniciação de Jaime Araujo.

“Em 1950 [José Carlos Mesquita Teixeira] estudando no Colégio Estadual Atheneu Sergipense, foi militante da União Sergipana dos Estudantes Secundaristas – USES, ao lado de Jaime Araujo e Tertuliano Azevedo”. (Nascimento, 2019, p. 50).

Numa análise mais ampla da política sergipana no período entre o final do Século XIX e até 1964, tema do livro “Os Partidos Políticos em Sergipe” (1889/1964), Ibarê Dantas faz referência ao 1º Congresso Nacional dos Estudantes Secundários realizado em Salvador, situando-o no contexto do que denomina fase de “Difícil Representação”, entre 1945 e 1964. “Após sete anos de regime discricionário, a sociedade passava a articular-se com o fim de criar novas formas de representação política. Em início de 1945, começava a se formar um novo sistema partidário no país. Eram resultados concretos do movimento contra o regime autoritário que provinha de antes mesmo do Estado Novo”. (Dantas, 1989, p. 153).

Na sequência, Dantas discorre sobre a participação de estu-

dantes universitários e secundaristas, através dos seus órgãos de representação, nos movimentos contra o nazi-fascismo e pelo retorno da democracia.

“As ações de grupos oposicionistas dantes dispersos e sem organização ganharam maior dimensão com o desenrolar da Segunda Grande Guerra, na luta contra o nazi-fascismo, resultando na revalorização da democracia [...] As manifestações populares articuladas por órgãos como a União Nacional dos Estudantes (UNE) e a Liga de Defesa Nacional, que de longe vinham atuando, ganharam ampla repercussão, reproduzindo-se em vários Estados”. (Dantas, 1989, p. 153).

O pesquisador prossegue analisando a entrada do Brasil na guerra, “em nome da defesa dos valores democráticos que, internamente, não eram exercidos”, registrando em seguida: “Imerso nessas contradições, o Estado Novo, carente de legitimidade, viu seus problemas acentuarem-se, enquanto o movimento de resistência da sociedade prosseguia eclodindo aqui e acolá, revelando um mínimo de organicidade”. Conclui afirmando que a “fundação da Associação dos Estudantes Secundários de Sergipe (sic) que participa, inclusive, do 1º Congresso Nacional dos Estudantes Secundários, realizado em Salvador, é um exemplo dessa mobilização nacional”. (Dantas, 1989, p. 154).

A participação de Jaime no Congresso da USES foi documentada em diversos registros fotográficos, nos quais aparece na companhia de outros congressistas e do irmão Balthazarino, que então morava em Salvador.



Jaime e grupo de participantes do Congresso da USES. Salvador. 1950.



Jaime ao lado do irmão Balthazarino. Salvador. 1950.

Dois memorialistas sergipanos, Mário Cabral e Murillo Mellins, traçaram um rico panorama da capital sergipana na fase em que Jaime se iniciava nas atividades sociais, culturais e de lazer. O município que sedia a capital do Estado e onde viviam, na década de 1940, cerca de 100.000 habitantes, contava com duas estações de rádio: *Rádio Difusora de Sergipe* e *Rádio Liberdade de Sergipe*; quatro Jornais: *Correio de Aracaju*, *Sergipe Jornal*, *A Cruzada*, *Diário Oficial* e “três excelentes revistas”: *Revista da Academia Sergipana de Letras*, *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe*, *Revista de Aracaju*.

Três grandes festas populares agitavam a cidade de Aracaju em meados do século XX: o Carnaval, o São João e o Natal. “O carnaval aracajuano nasceu no ano de 1894 [...] E surgiram, imediatamente, as primeiras máscaras e as primeiras fantasias... Depois, o carnaval transformou-se. Surgiu o curso de automóveis, em toda a extensão da Rua João Pessoa, indo por um lado, voltando pelo outro, os carros unidos por uma espessa rede de serpentinas. O uso da fantasia era generalizado. Usava-se, também, muito confete e muito lança-perfume”. Mas, após a guerra de 1939, o frevo, inesperadamente, tomou conta da cidade, modificando, mais uma vez, o carnaval aracajuano... Durante quatro dias e quatro noites, na rua João Pessoa, na Praça Fausto Cardoso e na Travessa Benjamim Constant, ao som de grandes e poderosos amplificadores, os aracajuanos realizam um carnaval animadíssimo... E o “passo” se prolonga até alta madrugada, não obstante os animados bailes dos Clubes do Sergipe, do Cotinguiba, do Aracaju e da Associação Atlética”. (Cabral, 2002, p.53/56).

“A festa de São João [...] já vinha do dia 15 com as novenas realizadas nas salas da frente de muitas residências [...]. Na véspera de São João o entusiasmo atingia o seu ponto culminante. As ruas amanheciam embandeiradas. Cada família cuidava, desde cedo, em levantar a sua fogueira... À tarde começavam as danças ao som da sanfona e os sambas ao ritmo das batucadas [...]. À noite o espetáculo era realmente feérico. Milhares de fogueiras, enfileiradas, em dupla linha, iluminavam, no seu mar de fogo, todas as ruas e todos os pontos da cidade [...]. Foguetes, bombas, traques, ronqueiras enchiam o ar de detonações estarrecedoras e a noite de chispas de ouro e de luz. Os balões enchiam o céu de estrelas volantes” [...] O Natal de Jesus era o Natal da Missa de Galo, da chegança, do reisado, da cabacinha, a Praça da Matriz cheia de gente. O carrossel de Juvenal, brinquedos como o Avião, o Balanço, a Sombrinha, a Onda, a Roda Gigante. Dezenas de bazares, pequenas loterias que sorteiam utilidades domésticas. Dezenas, também, de bares, alguns pavilhões onde se vende cerveja, guaraná, sorvete, pastéis, empadas e saladas de frutas. (Cabral, 2002, p. 56/60).

Quanto ao espaço onde a festa natalina ocorria, Mellins indica que houve mudanças, “As tradicionais Feirinhas de Natal foram organizadas em locais diferentes, antes de se estabelecerem definitivamente na Praça da Matriz, após a inauguração do Parque Teófilo Dantas. Por alguns anos, durante a reforma da Catedral, as Feirinhas de Natal voltaram a ser comemoradas na atual praça Tobias Barreto” (Mellins, 2007, p. 50).

A praia era uma das atrações de lazer para moradores e visitantes da capital sergipana.



Jaime e amigos na praia de Atalaia, no feriado de 01 de maio de 1952. Aracaju.

A vida noturna da cidade na década de 1940, ainda segundo Mário Cabral era “...quase nula. Às vinte e duas horas, hora em que os cinemas se fecham e os seus letreiros se apagam, morre, repentinamente, o movimento da capital sergipana. Os bondes recolhem às vinte e três horas. Os cafés, os bilhares e os restaurantes da Rua João Pessoa e da Rua Laranjeiras regurgitam, ainda, por um momento. Como exceção permanece aberto até alta madrugada o *Bar Esporte*, repleto de boêmios e de meretrizes. Mas às vinte e duas horas, genericamente, cai o silêncio sobre a cidade deserta”. (Cabral, 2001, p. 139).

Por volta da metade do século XIX, existiam em Aracaju os seguintes cinemas: o *Cinema Palace*, o *Cinema Aracaju*, o *Cinema Vitória*, o *Cinema Rex*, o *Cinema Rio Branco*, no centro da cidade. Havia também, o *Cinema Guarani*, à rua de Estância, o *Cinema São Francisco*, à Praça Siqueira de Menezes, o *Cinema Tupi*,

à rua Vitória, o *Cinema Vera Cruz* e o *Cinema Bonfim*, no Bairro Siqueira Campos. Havia, finalmente, dois cinemas para operários: o Cinema Confiança, pertencente à Fábrica de Tecidos Confiança e o Parque Cinema, pertencente à Fábrica de Tecidos Sergipe Industrial. (Cabral, 2002, p. 128).

Somando-se aos cinemas como espaço destinado a oferecer aos jovens oportunidade de divertimento e espaço para flertes e encontros amorosos, existiam os Clubes Sociais. O Clube dos Legionários, “reduto dos boêmios, profissionais liberais, comerciantes, industriais e rapazes endinheirados”; Associação Atlética de Sergipe, que tinha o “quadro social mais seletivo”. O salão de festas era amplo com grande pista de dança, palco e “buffet”. Os salões eram abertos para as grandes festas de Natal, Reveillon, Reis, Festas Juninas, aniversário do clube, Festas de Formatura e para as grandes apresentações de orquestras internacionais e nacionais”; Cotinguiaba, clube voltado para atividades esportivas, mas que obteve muito destaque “com os bailes animadíssimos de São João, Reveillon e, principalmente, dos inesquecíveis carnavais”. (Mellins, 2007, p. 180/194).

Quando Manoel Pacheco revelou em entrevista ter sido o grande companheiro de “molecagem” de Jaime na juventude, ele fez menção a programas que costumava fazer junto com Jaime e que incluíam sessões de cinema, matinês da Associação Atlética, frequência a bares da Rua João Pessoa após as aulas noturnas do Curso Secundário e, visivelmente constrangido, a ida deles a cabarés, sem dar maiores detalhes.



Jaime em frente
ao prédio da
Associação
Atlética de
Sergipe.
Década de 1950.

Os bares Apolo e Aliança, o Cacique Chá, a Gruta Sergipana e a Churrascaria Manon recebem destaque de Mellins pela clientela que atraíam e pelos serviços que ofereciam. “O Bar Apolo situado na rua João Pessoa número 84, era o mais famoso e frequentado por todos os amantes de Baco da nossa capital... O Bar Aliança era frequentado por rapazes que trabalhavam no comércio, estudantes e, principalmente, pelos funcionários do Departamento dos Correios e Telégrafos, que se localizava no outro lado da rua. Era de costume os *decectistas* ao encerrarem seus expedientes ao meio-dia, ou 18 horas, encontrarem-se no bar. Houve uma época em que foi fundado o Clube do Frizante. Diversos funcionários do DCT [Departamento dos Correios e Telégrafos] e estudantes como: Jaime Araujo, Jaime Santiago, Paulo Novais, Alberto Carvalho, Manoel Pacheco, Antônio Viana de Assis, Maurinho Ramos, Murilo Mellins reuniam -se ali, só para tomar o frizante doce, branco ou rosado”. (Mellins, 2007, p. 195/197).



Reunião em bar. Aracaju. 1952.

O bar, restaurante e *boite* Cacique Chá iniciou suas atividades em 1950. “O Cacique foi a primeira *boite* familiar de Aracaju. Era o ponto de encontro da *High Society*, nos sábados à noite”. Em 1953, seu nome fantasia foi alterado para Bar e Restaurante Cacique Chá. Foi feita uma remodelação no salão, “contudo, foram preservados os belos painéis pintados por Jenner Augusto. O ambiente foi preparado para o funcionamento da nova *boite*, que servia também como salão de chá, onde nos fins de semana, senhoras da sociedade iam tomar um chá com torradas ou um chocolate quente. Ao lado do Cacique, construiu-se uma barraca tosca com móveis rústicos, coberta por palhas, que passou a servir como bar e restaurante”. O nome de Jaime Araujo faz parte da lista dos clientes que tinham cadeira cativa “naquele aprazível recanto”. (Mellins, 2007, p. 197/200).

No capítulo em que trata das boates e cassinos, o citado memorialista destaca o Beco dos Cocos, no centro da cidade, local onde

funcionava o Cassino Bela Vista, que também alugava pequenos quartos às mulheres que ali dançavam, e faziam a vida, e a Pensão de Marieta, “a mais elegante e seleta, frequentada por banqueiros, comerciantes, industriais e rapazes da Elite. Ali encontravam-se as mais caras e bonitas damas da noite”. Também funcionava no Beco dos Cocos a boate Xangai. O centro da cidade ainda abrigava a boate Miramar e o cassino Imperial, que “foi por muitos anos a casa noturna mais animada, frequentada pelos boêmios de Aracaju”.

Vê-se, portanto, que não faltavam alternativas de lazer aos jovens contemporâneos de Jaime. Contudo, sua relação com a bebida alcoólica fez com que, desde cedo, sua opção mais frequente fosse o divertimento em mesa de bar ou na sua própria casa, sempre na companhia de amigos. Em texto entregue por Alberto Carvalho à família de Jaime, após sua morte, contendo lembranças que guardava da convivência com ele, consta um roteiro das farras seguido frequentemente por ele e Jaime na juventude. “Nessa época comprei uma bicicleta com a qual, íamos, eu e Jaime (no bagageiro) para a Atalaia, principalmente para o bar de Dona Conceição que vendia os maiores caranguejos que já vi. A volta, com algumas paradas para reabastecimento, até a bodega de Seo Abílio (Rua de Lagarto), terminava na casa de Dona Crisolita, que criou Jaime e mantinha a casa, principalmente as varandas, como verdadeiro espelho. Jaime só entrava pela frente com os sapatos sujos, até de lama no inverno”. Mas, diz na sequência, que os esporros de Dona Crisolita sobravam para ele, com os velhos chavões: “Más companhias, irresponsáveis e mais”. Prossegue: “A bicicleta ainda me trouxe outros percalços. Jaime, *bebun*, vinha, como sempre, no

bagageiro e eu pedalando auxiliado pelas *forças ocultas* de Jânio, dizendo os palavrões mais cabeludos pelas ruas que atravessávamos” (Carvalho. Jaime Araujo Andrade – Uma Lembrança. Texto datilografado.).

Sob efeito do álcool sucediam-se as “molecagens”, segundo expressão usada por Manoel Pacheco. Uma delas foi registrada pelo companheiro Alberto Carvalho. “Chegada, em Aracaju, do Ron Merino, do Crusch e da moda do gin com água tônica (uma maravilha!). Saímos do Bar Record (em frente ao Cinema Rio Branco) *mamões*, como se dizia na época, e seguimos pelo Parque Teófilo Dantas. Eu morava na Rua de Arauá, Jaime na Rua de Riachuelo. Atrás da Catedral, junto a uma ponte, em frente à casa do Mestre Garcia Moreno, estava o primeiro *outdoor* que víamos em Aracaju. Enorme, de zinco, duas estacas segurando. Não lembro o produto da propaganda. Diz Jaime: “Vamos derrubá-lo?” “Vamos”, respondi. Empurra para lá, para cá e ... o estrondo não incomodou o Mestre Garcia, pois, àquela hora estava cuidando de outros doídos no Adauto Botelho. Corremos, tranquilos, impunes e bêbados para nossos aconchegos” (Carvalho. Jaime Araujo Andrade – Uma Lembrança. Texto datilografado.).

CAPÍTULO 2

JORNALISMO & ADVOCACIA

“O sonho de Jaime era ser jornalista”, revelou Manoel Pacheco. De fato, sua inclinação pelo jornalismo ficou evidente na relação que manteve com a Gazeta de Sergipe, jornal para o qual chegou a trabalhar como redator chefe e, após a formatura, como advogado.

Na Revista do Tribunal de Contas de Sergipe que noticia a inauguração da sala Jaime Araujo para advogados e contadores, o jornalista Ivan Valença foi um dos amigos escolhidos para escrever sobre aspectos da personalidade do homenageado que era motivo de sua admiração. Após destacar a inteligência, o jornalista informa que conheceu Jaime “quando trabalhava na Gazeta de Sergipe em 1957 e ele era o Advogado do Jornal”. Na sequência, Ivan Valença revela que “surgiu a partir daí uma ótima amizade, principalmente pela inteligência, pela enorme bagagem cultural que fazia de Jaime Araujo uma dessas personalidades que viveu além do seu tempo em nosso Estado”. (Revista do Tribunal de Contas do Estado de Sergipe. Ano III – nº 17. Set/out/2005. Página 10).

Jaime trabalhou para a Gazeta de Sergipe até março de 1959. No mesmo ano ele também trabalhou para o Jornal do Brasil como correspondente e na sede do Jornal, quando passou uma temporada no Rio de Janeiro, também no ano de 1959.

Mas o jornalismo não chegou a ocupar o primeiro plano na

vida profissional de Jaime. A formação acadêmica na área jurídica, sua opção, o levou a frequentar as aulas no curso oferecido pela recém-criada Faculdade de Direito de Sergipe. Desde o Império os cursos de Medicina e Direito foram os mais procurados pelos jovens oriundos da classe dominante ou em ascensão do país. Ser “doutor” abria as portas para a política, para os bons cargos públicos e era motivo de prestígio numa sociedade de iletrados. Por isso, muitos foram os sergipanos que ganharam projeção nacional após obterem formação médica ou jurídica em instituições de ensino de Recife, da Bahia e do Rio de Janeiro.

Apesar de tentativas anteriores de criação do curso de Direito no Estado, a ideia só vingou em fevereiro de 1950, quando um grupo de renomados juízes e advogados de Aracaju, reunido na sede do Conselho Penitenciário, fundou a Faculdade de Direito de Sergipe, que foi instalada no dia primeiro de março daquele ano. “Aprovada sua organização pelo Conselho Superior de Educação e autorizado seu funcionamento pelo Presidente Eurico Gaspar Dutra, [...] a Faculdade de Direito iniciou sua vida escolar, com uma Aula Inaugural ministrada pelo Professor Gonçalo Rollemberg Leite, no dia 16 de março de 1951, no Salão Nobre do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, enfocando o tema “O Direito em Sergipe”. A Faculdade de Direito de Sergipe passou a funcionar no prédio do antigo Grupo Escolar Barão de Maruim, localizado na Avenida Ivo do Prado, nº 612”. (Nascimento. Retrospectiva Histórica do Curso de Direito, 1999, p.25).

Federalizada em 18 de dezembro de 1960, a Faculdade de Direito foi incorporada à Universidade Federal de Sergipe, em maio

de 1968. Jaime fez parte da terceira turma de bacharéis formada pela Faculdade no ano de 1957.



**Antiga Faculdade de Direito, atual Centro de Cultura e Arte da UFS (CULTART).
Av. Ivo do Prado, Aracaju-SE.**

Ao iniciar o curso em 1954, Jaime tinha vinte e dois anos de idade, acabara de ser efetivado no cargo de Mensageiro do Departamento dos Correios e Telégrafos, vivia cercado de amigos e gozando do carinho e apoio dos pais adotivos. Segundo Alberto Carvalho, esse foi o período inicial “das andanças noturnas, das farras, dos inúmeros bares, muitas vezes após nossa presença na redação da Gazeta de Sergipe onde colaborava e ele chegou a dirigir durante algum tempo”.

Dentre as lembranças que guardava do amigo, Carvalho descreveu as longas noitadas vividas por eles após o encerramento do expediente de Jaime na Gazeta. “Um companheiro nosso, Mário Sanatório, (trabalhava no órgão), não recordo o nome, o que é in-

perdoável, criou a expressão *encaixotar sereno* para nossas conversas até 4, 5 horas da manhã. Companheiros *encaixotadores*: Mário, Jaime e eu, Viana de Assis, Zu (José Ribeiro da Silva), que não era o mais assíduo da turma, *Bonequinha* (Carlos Henrique Carvalho), *Alencarzinho* (Clodoaldo de Alencar Filho) e outros, federais ou neófitos”. (Carvalho. Jaime Araujo Andrade – Uma Lembrança. Texto datilografado.).

A forte liderança que desde cedo Jaime exerceu junto aos colegas e professores da Faculdade de Direito foi levando ao surgimento de um hábito que se estendeu até o final da sua vida: o encontro diário com amigos no Cacique Chá, em torno de mesas repletas de garrafas e copos, além de muitas conversas e risadas. Murilo Mellins data de 1955 a época em que o Bar “tornou-se ponto de encontro dos literatos aracajuanos, que ali se reuniam religiosamente todas as tardes”. O Cacique tornou-se, portanto, espaço propício para Jaime revelar a capacidade de liderança que o levou a conseguir aglutinar, por anos, amigos novos e de velhos tempos, políticos e autoridades, discutindo, dentre outros assuntos de ordem política, econômica, sociológica e literária, além de questões pueris e “molecagens”, nas palavras de Manoel Pacheco.

“O Cacique Chá, iniciou suas atividades em 1950 [...]. O traje de passeio completo era obrigatório para os homens, já as senhoras e senhoritas, esmeravam-se em comparecer com seus melhores e caros vestidos. Era um verdadeiro desfile de modas [...]. A Luna Orquestra tocou na inauguração da luxuosa *boite*. A casa, semanalmente, apresentava atrações nacionais e internacionais”. No ano de 1953, já sob o comando de novo proprietário, o espaço teve mu-

dado o “nome de fantasia para Bar e Restaurante Cacique Chá. Foi feita uma remodelação no salão [...], contudo, foram preservados os painéis pintados por Jenner Augusto. O ambiente foi preparado para o funcionamento da nova boite, que servia também como salão de chá, onde nos fins de semana, senhoras da sociedade iam tomar um chá com torradas ou um chocolate quente. Ao lado do Cacique, construiu-se uma barraca tosca com móveis rústicos, coberta com palhas, que passou a servir como bar e restaurante.” (Mellins, 2007, p. 197/198).



Bar e restaurante CACIQUE CHÁ na década de 1960.

A “barraca tosca” mencionada por Mellins foi o local dos primeiros encontros entre Jaime e amigos. A propósito, vale transcrever o registro feito pelo companheiro de farras Alberto Carvalho. “Depois das nossas andanças já citadas, passamos a frequentar as mesas do Cacique. No início, eu, Jaime e encaixotadores no anexo, a Cabana e, logo depois, em sucessivas mesas, até uma certa

estabilização. Depois das aulas na Faculdade íamos com alguns dos professores para o Cacique. Afirmam, e não negarei, que da mesa frequentada pelo Dr. Garcia Moreno, os Desembargadores Waldemar Fortuna de Castro, Luiz Magalhães, Serapião Aguiar, Belmiro Góes (na varanda da frente) e, nas mesas de dentro, por Jaime, Viana de Assis, Manoel Pacheco, Fernando Porto, Fernando Nunes, Geraldo Sobral (depois Ministro), eu, Carlinhos Machado, João Augusto Gama, Celso Viana de Assis, Zé Miséria (José Almeida Filho), José Emídio Nascimento, Antônio Góes, Antônio Ferreira, Umberto Mandarino, Antônio Cabral Tavares, Waldemar Bastos Cunha, José Valadares, Leopoldo Souza, Nilton Pedro, Gilson Cajueiro de Holanda, Jonas de Aguiar, Gumercindo Góes e, esporadicamente, Ministro Armando Rolemborg, Ex-Governador Seixas Dória, Ex-Deputado Federal Walter Batista, Duto (Carlos Augusto) e, quando morava em Aracaju e depois morando no Rio, Belo Horizonte e Brasília, quando vinha a Aracaju, sempre presente o Chico Varella, saíram desembargadores, juizes, secretários de estado, ministros, deputados, prefeitos [...]”. (Carvalho. Jaime Araujo Andrade – Uma Lembrança. Texto datilografado.).

A presença diária de Jaime no Cacique, ocupando preferencialmente um mesmo local do recinto, justificou homenagem que, após sua morte, foi prestada pelo dono do Bar e Restaurante, Doutor Aliberti, mandando pregar uma placa *in memoriam* na cadeira em que sempre sentava.



Jaime com amigos em passeio à cidade de Santo Amaro. 1955.



Jaime acompanhado de seu pai Lourival, e de amigos dentre eles Viana de Assis.



Jaime e amigos em festa de carnaval, destacando-se Alberto Carvalho, o segundo a partir da esquerda e Viana de Assis, o sexto. Aracaju, 1955.

O envolvimento de Jaime com o movimento estudantil enquanto frequentava a Faculdade de Direito, criou novas oportunidades para demonstração do seu espírito de liderança, da sua capacidade de agregar pessoas, seja pelo conhecimento que detinha sobre grande variedade de assuntos, pelo bom humor, pela fidelidade aos amigos, ou por tudo isso junto. Era outra das suas facetas. O interesse pela política estudantil revelada quando era estudante secundarista e chegou a ser membro da diretoria do órgão de representação dos estudantes, ganhou amplitude à época do curso superior.

No contexto de intensa bipolarização promovida pela chamada Guerra Fria, o estudante Jaime, articulado, possuidor de grande capacidade oratória, começou a ganhar projeção nos acirrados de-

bates ocorridos nos Congressos realizados pela União Estadual dos Estudantes de Sergipe (UEES), fato que se repetiu quando estava no curso superior.

No livro que trata do movimento estudantil o Professor José Vieira Cruz apresenta uma cronologia do surgimento das agremiações dos alunos dos cursos superiores em Sergipe. “Seguindo o compasso da efetivação das primeiras instituições de ensino superior, logo surgiram os primeiros órgãos de representação dos interesses dos universitários em Sergipe, a exemplo do Diretório Acadêmico da Faculdade de Ciências Econômicas de Sergipe... [1950]; do Diretório Acadêmico da Escola Superior de Química de Sergipe... [1950]; do Centro Acadêmico Sílvio Romero, vinculado à Faculdade de Direito de Sergipe... [1951]; do Diretório Acadêmico Jackson de Figueiredo, órgão da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe... [1951]; do Diretório Acadêmico Maria Kiehl, associado à Escola de Serviço Social... [1954] e do Diretório Acadêmico Augusto César Leite, vinculado à Faculdade de Medicina de Sergipe... [1961]”. (CRUZ, 2017, p. 111).

Jaime, leitor voraz, entusiasta das ideias de esquerda majoritárias entre os estudantes, possuidor de discurso fluente e experiência adquirida nos embates políticos dos quais participou no ensino secundário, logo ganhou destaque no movimento estudantil comandado pela UNE e foi eleito para o cargo de Secretário.



Jaime no exercício do cargo de Secretário da UNE. Rio de Janeiro, 1954.



Jaime presente na recepção ao Ministro da Educação Gustavo Capanema quando de sua visita à UNE. Rio de Janeiro, 1954.



Jaime em atuação como Secretário da UNE. Rio de Janeiro, 1954.

De tal forma foi a projeção alcançada por Jaime na Diretoria da UNE que ele foi indicado para participar da comissão que representou o Brasil na V Conferência Internacional de Estudantes, ocorrida em Birmingham, na Inglaterra, no ano de 1955.



Jaime entre representantes do Brasil nos trabalhos da Conferência. Inglaterra, 1955.



Universidade de OXFORD. Foto oficial dos participantes da Conferência. Inglaterra, 1955.

Interessante registrar que além da experiência e do conhecimento adquirido em evento de tal magnitude, como o ocorrido no Velho Continente, Jaime trouxe um chapéu inglês que durante muito tempo fez parte do seu vestuário, conforme depoimento dos irmãos Manoel e Afonso Pacheco.

Manoel Pacheco disse ter participado de todos os Congressos dos estudantes superiores de Sergipe ocorridos em Aracaju e que “Jaime, além dos eventos locais, também participava de Congressos em outros Estados.”

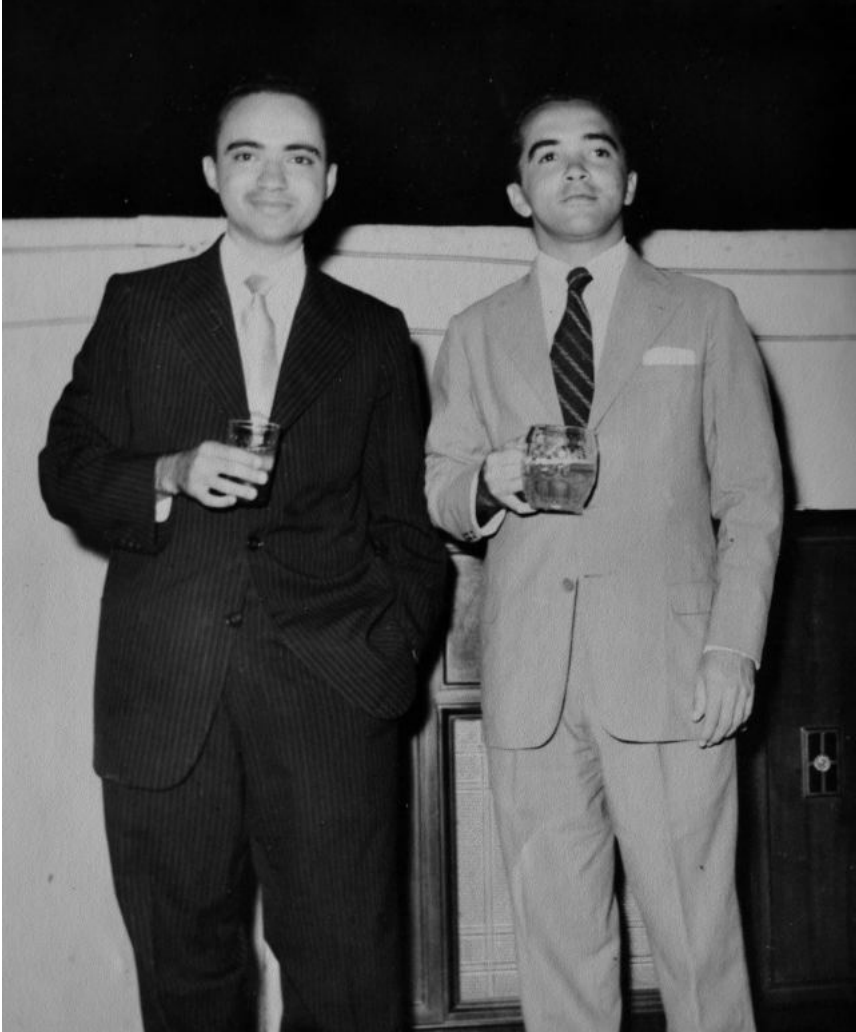
De fato, encontramos no acervo de fotos da família registros de sua participação nos Congressos Estaduais de 1956 e 1957. Assim como no XX Congresso Nacional dos Estudantes, realizado em Nova Friburgo, Rio de Janeiro, quando estava no último ano do

curso superior. Jaime, juntamente com o colega Viana de Assis, também participou da 1ª Semana Interamericana de Estudos Jurídicos e Sociais, que aconteceu em Porto Alegre, no ano de 1956.



Jaime, terceiro da segunda fileira, e Viana, o oitavo, a partir da esquerda. Porto Alegre, 1956.

Destaque-se a constante presença do colega Viana de Assis nos eventos dos quais Jaime participava, conforme se pode constatar nas fotos do acervo da família.



Jaime e Viana de Assis. Aracaju, 1957.

No final de 1957, Jaime viveu um dos momentos mais importantes de sua vida profissional, ao receber o diploma de Bacharel em Direito, num evento do qual participou como orador e na solenidade de entrega dos diplomas, quando se fez acompanhar de Crisolita, sua mãe adotiva.



Jaime e Crisolita como madrinha na solenidade de colação de grau. Aracaju, 1957.



Foto oficial da formatura com Bacharel em Direito. Aracaju, 1957.



Jaime discursa em evento da formatura realizado no Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe.

Diplomado Bacharel em Direito no ano de 1957, Jaime encerrou a década trabalhando como telegrafista da agência dos Correios e Telégrafos e como Redator Chefe do Jornal “Gazeta de Sergipe”, função que exerceu até o ano de 1959. Em março desse ano ele transferiu-se para o Rio de Janeiro, então Capital Federal, onde trabalhou no Jornal do Brasil e chegou a ingressar no curso do Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB), projeto que não levou adiante por motivo desconhecido.

Criado em 14 de julho de 1955, por um grupo de intelectuais, o ISEB foi pensado como órgão responsável pela análise e com-

preensão da realidade brasileira, visando incentivar e promover o desenvolvimento nacional. Ligado ao Ministério da Educação e Cultura, o Instituto foi um dos centros mais importantes de elaboração teórica de um projeto que ficou conhecido como “nacional-desenvolvimentista”.

O fato de o ISEB iniciar suas atividades no período em que o país acelerava sua industrialização fez com que o nacionalismo, como ideologia, ganhasse importância nos anos 50 e 60, na medida em que serviu como instrumento de mobilização política e fortalecimento da esquerda. Fato é que, ao tomarem o poder, em março de 1964, os militares decretaram a extinção do Instituto. Por outro lado, vale a pena chamar a atenção para o Jornal Gazeta de Sergipe, que teve Jaime em seu quadro de funcionários. Criado em 1948 pelo político, jornalista e pesquisador Orlando Dantas, o veículo de comunicação surgiu como órgão ligado ao Partido Socialista Brasileiro, também presidido por Orlando Dantas, e tinha o nome de Gazeta Socialista.

Em meados de 1958, o Jornal passou a circular com o nome de Gazeta de Sergipe. Nessa nova fase o diário manteve sua marca inicial, a defesa de interesses políticos, mas aliada a objetivos comerciais. Do ponto de vista político, a Gazeta abraçava a ideia do nacionalismo associado ao desenvolvimentismo e defendia o processo de industrialização do país.

“Ao lado do Diário de Sergipe, jornal do PSD, dirigido pelo deputado estadual Manuel Cabral Machado, que também exercia o papel de líder do seu partido, havia a atuação da Gazeta Socialista, órgão do PSB. Criada em 1948, a Gazeta Socialista entrou em reces-

so em 1951 e somente reapareceu cinco anos depois, ou seja, em janeiro de 1956, contando com uma plêiade de jovens intelectuais, a maioria de tendência nacionalista e alguns simpatizantes do socialismo. Na chefia, Orlando Dantas imprimiu uma orientação de análises e cobranças, as mais contundentes, especialmente das práticas udenistas, dos quais não aceitava nem divulgar as explicações.” (Dantas, 1989, p. 231).



Jaime entrevista Magalhães Pinto, Ministro das Relações Exteriores e Presidente da UDN no período de 1959 a 1961, para o Jornal Gazeta de Sergipe.



Jaime entrevista outras autoridades da comitiva do Ministro.

A década de 1960 começou promissora para o jovem Bacharel, com sua nomeação, em maio de 1960, para o cargo de Diretor Regional dos Correios e Telégrafos. Jaime havia ingressado no DCT em maio de 1947, para ocupar, interinamente, o cargo de Mensageiro. Quatro anos depois foi nomeado para o cargo de Telegrafista, repetindo o modelo de trabalho exercido pelo pai adotivo, Lourival. Por fim, o jovem Bacharel chegava ao posto mais alto da Agência.



Leitura da ata de posse de Jaime como Diretor dos Correios e Telégrafos. Aracaju, 1960.



Jaime recebe os cumprimentos do Bispo Dom José Távora. 1960.



Registro da adesão dos Correios de Sergipe à União Brasileira de Serviços Postais Telegráficos – UBSPT. 23/08/1960.

Perto de completar um ano no comando do Departamento dos Correios Jaime pediu exoneração do cargo de Diretor e voltou ao trabalho de telegrafista. Isso aconteceu em 1961, quando passou a fazer parte da Comissão de Assistência Judiciária da OAB/SE. Foram dois anos trabalhando como Membro desta Comissão.



Jaime transmite o cargo de Diretor do DCT a Zózimo Lima. 1961.

Novas mudanças profissionais marcaram a vida de Jaime no ano de 1962. A aprovação em 1º lugar no concurso para professor de Direito Usual e Estudos Sociais da Escola Industrial de Aracaju, no mês de abril e sua nomeação para o cargo de Juiz Substituto do Tribunal Regional Eleitoral, em junho. Contudo, 1963 foi o ano em que Jaime passou por mudanças mais frequentes de trabalho.

Nomeado pelo Governador Seixas Dória para o cargo de Procurador Geral do Estado – chefe do Ministério Público Estadual, Jaime tomou posse no dia 07 de fevereiro e, no mês seguinte, assinou contrato como professor da disciplina História Econômica Geral e do Brasil, da Faculdade de Ciências Econômicas de Sergipe.

Contudo, já no mês de maio ele pediu exoneração do cargo de Procurador do Estado. Na versão do amigo João Augusto Gama confirmada pela Advogada Laete Fraga, o pedido de demissão do cargo de Procurador foi motivado pela discordância de Jaime “com a nomeação de um promotor de justiça sem a observação da ordem de classificação do concurso” (Entrevista concedida pela Advogada Laete Fraga, 2017).

Na já citada revista do TCS-SE, Seixas Dória foi um dos amigos escolhidos para descrever aspectos da personalidade do homenageado que eram motivo de sua admiração. O ex-Governador destacou a ética de Jaime, considerado por ele “um advogado brilhante competente e respeitado. Pelo seu comportamento ético, pela sua seriedade, pela sua dignidade, um homem de princípios. Eu tenho por ele saudade, respeito e, acima de tudo, uma profunda admiração. Pensava como eu, embora eu tivesse uma posição

mais à esquerda e ele uma posição mais de centro-esquerda. Era um idealista, um homem que sonhava, enfim, um homem que merece o meu respeito e o respeito de Sergipe. A homenagem que o Tribunal de Contas lhe presta é merecida. Uma justa homenagem. Quando eu fui Governador do Estado ele foi Procurador. A marca registrada de Jaime era a sua honorabilidade, a sua dignidade.” (Revista do Tribunal de Contas do Estado de Sergipe. Ano III – nº 17. Set/out/2005. Página 10).

Apenas um mês após sua exoneração como Procurador, Jaime foi nomeado Juiz Substituto do Tribunal Regional Eleitoral, na classe de jurista, cargo no qual foi efetivado em julho do mesmo ano, quando se desligou da docência na Faculdade de Ciências Econômicas.

Mas as mudanças acontecidas no ano de 1963 não pararam por aí. No mês de setembro Jaime foi designado para o cargo de Assistente Jurídico da Delegacia Regional do Trabalho (DCT) e pediu exoneração do cargo de Telegrafista do Departamento dos Correios, empresa para a qual trabalhou por dezesseis anos. A saída do DCT teria resultado da sua opção pela docência na Escola Industrial de Aracaju.

Nota do Jornal Gazeta de Sergipe sobre nomeação de Jaime para o CONDESE.

Jaime Andrade Assessor Jurídico do C D E

Acaba de ser nomeado para o cargo de Assessor Jurídico do Conselho de Desenvolvimento Econômico do Estado, o bel. Jaime Araújo Andrade que no início da presente semana assumiu aquela função.

O dr. Jaime Araújo Andrade é bastante co-

nhecido em nossos círculos jurídicos, sociais e políticos, já tendo exercido importantes cargos na administração pública federal e estadual inclusive o de diretor do Departamento Regional dos Correios e Telegrafos e de Procurador Geral do Estado.

Advogado dos mais brilhantes da nova geração, jornalista e intelectual, o dr. Jaime de Araujo

Jo Andrade teve a sua nomeação para a elevada função de Assessor Jurídico do CONDESE recebida com satisfação em

Quando concluiu seu mandato de Juiz do TRE, em junho de 1964, Jaime foi admitido como Assessor Jurídico do Conselho de Desenvolvimento Econômico de Sergipe (CONDESE), ao mesmo tempo em que cumpria mandato de Conselheiro da OAB, para o qual foi eleito no final de 1963. Seu mandato terminou no final de 1965. Após dois anos e meio no CONDESE Jaime afastou-se do órgão para tomar posse como Deputado Estadual, cargo para o qual fora eleito em novembro de 1966. Na oportunidade, ele também pediu desligamento da função de Professor da Escola Industrial de Aracaju. Diplomado como Deputado Estadual em janeiro de 1967, Jaime teve seu mandato cassado em abril de 1969. Meses depois ele também foi desligado do CONDESE, assunto ao qual voltaremos no próximo capítulo.

A intensidade com que viveu nos anos 60, as constantes mudanças de trabalho, a busca por novas experiências, faz parecer que Jaime sabia ter pouco tempo para realizar tudo o que gostaria e era capaz de fazer. Neste sentido, a traumática experiência causada pela interrupção do mandato e perda dos direitos civis fizeram Jaime dar uma guinada na sua vida profissional. Com exceção de poucos meses entre o ano de 1980, até o começo de 1981, quando, quando a convite do Presidente da Confederação Nacional da Indústria, Albano Franco, exerceu o cargo de Superintendente do Departamento Nacional do Serviço Social da Indústria - SESI, no Rio de Janeiro, os anos de 1970 e 1980, foram dedicados ao trabalho advocatício, em banca dividida com sócio ou individual.



Superintendente do Sistema SESI/SENAI. 1980.

CAPÍTULO 3

POLÍTICA & DITADURA

A experiência adquirida por Jaime Araujo nos embates travados no movimento estudantil e a projeção alcançada na vida profissional, além da amizade que gozava junto a pessoas representativas da sociedade sergipana, foram decisivas para a fase de mais intenso envolvimento na política partidária, que culminou na sua eleição para Deputado Estadual.

Segundo Ibarê Dantas, duas agremiações dominaram a política nacional no sistema partidário surgido após o fim do Estado Novo: a União Democrática Nacional (UDN) e o Partido Social Democrático (PSD). “Em Sergipe, o primeiro partido a estruturar-se e a realizar sua convenção foi o PSD.”

“Enquanto o PSD, estruturado a partir da máquina oficial, já estava praticamente pré-montado, a UDN demorou a realizar sua convenção. Tal acontecimento somente ocorreu em 15 de outubro de 1945, quando foi anunciada a composição da comissão executiva [...]. A exemplo do diretório do PSD, figuravam na UDN políticos da República Velha e jovens que começaram a militar na década de trinta, dentro do movimento contra a ditadura [...]. Não obstante a variedade profissional dos seus integrantes, pode-se dizer que a UDN nascia como um dos principais partidos do Estado, congregando numerosas figuras expressivas da indústria, do comércio e

da agropecuária”. (Dantas, 1989, p. 159/160).

Ainda no ano de 1945, foi fundado em Sergipe o Partido Republicano (PR). Além dos citados, o mesmo ano de 1945 registra a atuação em Sergipe de partidos que apresentavam maior apelo popular, como o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), o Partido Comunista Brasileiro (PCB) e o Partido Comunista do Brasil (PCdoB). A queda de Getúlio Vargas no final de outubro do mesmo ano, desencadeou uma nova movimentação dos partidos políticos visando as eleições que, em 12 de dezembro, elegeram novo Presidente da República, Senadores e Deputados Federais.

Numa avaliação desse momento político, Dantas registra que “o quadro que se desenhava na política de Sergipe indicava o predomínio de duas grandes forças partidárias em competição (PSD e UDN), e o PR, como fiel da balança” (Dantas, 1989, p. 168). Desta forma, ao tempo em que UDN e PSD galvanizavam as atenções da sociedade nas disputas eleitorais, as duas agremiações dependiam da coligação com o PR. “Aproveitando-se dessa disputa, o PR foi impondo-se como fiel da balança, extraindo compensações geralmente superiores ao seu peso eleitoral” (Dantas, 1989, p. 173).

No período entre os anos de 1947 e 1955, o domínio da política sergipana foi da aliança PSD-PR. Em 1955, foi a UDN que assumiu o domínio, concretizado com a vitória para o governo do Estado do seu principal líder, Leandro Maynard Maciel (1955-1959).

Ainda sob o domínio da UDN e gestão de Luiz Garcia à frente do governo (1959/1962), Sergipe sofreu os efeitos das dificuldades políticas que aconteciam no plano nacional e estimularam o nacio-

nalismo que, desde 1930, vinha crescendo no país. “Em Sergipe, o movimento nacionalista de muito sensibilizava seus filhos. Além de Sílvio Romero e Manuel Bonfim, entre outros que viveram no Sudeste no início do século, mais recentemente Orlando Dantas, em seu mandato de deputado federal (1951-55), manifestou-se nacionalista intransigente na defesa da soberania nacional pela estatização do petróleo e contra o acordo militar com os Estados Unidos. Voltando para Sergipe em 1954, aqui continuou suas pregações, encontrando eco não apenas dentro do partido, mas também na imprensa.

No Estado, a campanha nacionalista foi incorporada pelo movimento estudantil e por diversos intelectuais, com manifestações através da imprensa, resultando na criação da *Frente Nacionalista* de Sergipe, em 8 de março de 1958, aglutinando de católicos a comunistas, expressando entre seus objetivos “a consolidação do nacionalismo dentro do regime democrático”. (Dantas, 1989, p. 232). Jaime Araújo Andrade, Viana de Assis e Fernando Barreto Nunes figuram entre os cidadãos que se inscreveram na Frente Nacionalista, juntamente com outros intelectuais e renomados representantes da sociedade sergipana, além de estudantes, dentre os quais destacamos amigos pessoais de Jaime, como Manoel Resende Pacheco e José Geraldo Barreto.

A década de 1960 começou marcada por uma crescente polarização entre forças sociais opostas e pela expansão do movimento nacionalista. Em Sergipe, enquanto isso, a luta política preservava a disputa entre os dois principais blocos UDN x PSD. O primeiro estava à frente do governo com Luís Garcia, mas perdia apoio de

políticos mais à esquerda, de forma que, ao lançar o nome de Leandro Maciel para governador, nas eleições de 1962, acabou sendo derrotado por uma coalizão de partidos, a Aliança Social Democrática (ASD), encabeçada pelo PSD e PR. O candidato lançado pela ASD, deputado João Seixas Dória, saiu vitorioso nas eleições de 7 de outubro de 1962.

A disputa para o governo estadual em 1962, também motivou uma maior inserção de Jaime nas disputas eleitorais. João Augusto Gama resume a atuação do então Diretor Geral dos Correios e Telégrafos e professor da Escola Industrial, na eleição em que Seixas Dória rompeu a tradição do processo político local.

“Conheci Jaime em 1962, quando da campanha eleitoral daquele ano para o governo do estado disputavam o governo Leandro Maciel pela situação e Seixas Dória pela oposição. Godofredo Diniz era candidato a prefeito de Aracaju pelo Partido Republicano que participava da coligação que apoiava Seixas Dória. Eu e Anderson Nascimento participávamos daquilo que Godofredo chamava de Juventude Republicana. Tínhamos um programa de entrevistas na Rádio Jornal, chamado “Conheça a Situação” e sempre conversávamos com Jaime, na sede do PR, em uma sala do edifício Mayara. Jaime nos orientava sobre os temas dos programas, quem entrevistar e, principalmente, a forma de apresentar”. (Gama: Jaime Araujo – Uma Inteligência Brilhante. Revista Cumbuca. Aracaju, ano VI, nº 17, Março/2018, pág. 51.).

A grande projeção alcançada por Seixas Dória na política local e nacional foi decisiva para o lançamento da sua candidatura ao

governo de Sergipe pelo grupo de jornalistas da Gazeta de Sergipe. “Embora o PSB de Orlando Dantas estivesse em fase de hibernação [...], seu jornal vivia tempos de grande influência. Diante da questão sucessória, considerando que somente Seixas Dória seria capaz de derrotar Leandro Maciel, o grupo da Gazeta passou a fomentar sua candidatura. Enquanto Pascoal Maynard e José Rosa de Oliveira Neto, jovens jornalistas, emprestavam todo seu entusiasmo em matérias favoráveis, Orlando Dantas, com penetração junto a líderes do PSD e PR e junto o prefeito José Conrado de Araújo, empenhou-se em costurar uma ampla coalizão partidária, então denominada de “esquema”, que permitisse somar todas as forças de oposição. Nesse ponto, a participação do PSD e do PR foi decisiva para o sucesso da candidatura do “esquema”. (Dantas, 1989, p. 255).

De acordo com João Augusto Gama, a eleição de Seixas Dória para o quadriênio 1963/66 trouxe muita esperança para Sergipe por ser ainda jovem e manter uma grande articulação na grande imprensa do Sudeste. No entanto Seixas Dória não teve tempo para implantar seu projeto de governo, pois seu mandato foi interrompido pelo golpe civil-militar de março de 1964 que suspendeu a democracia no país.

O governador Seixas Dória, que Jaime ajudara a eleger, foi uma das primeiras vítimas do golpe, sendo deposto do cargo na madrugada do dia 2 de abril e levado preso para a Ilha de Fernando de Noronha, onde teria a companhia de Miguel Arraes, deposto do governo de Pernambuco. Iniciava-se um longo período de prisões, torturas e toda sorte de arbitrariedades.

Enquanto isso, Jaime dava continuidade aos hábitos costumeiros, o que incluía passagem diária pelo Bar e Restaurante Cacique Chá. Segundo Augusto Gama, o grupo que frequentava o Cacique Chá, composto por ele, “Ariosvaldo Figueiredo, Fernando Porto, Fernando Nunes, Tertuliano Azevedo, Jaime Araújo, Umberto Mandarino, era isolado e evitado. Éramos considerados subversivos” (Entrevista concedida em 26/11/2016).

Convivendo nos primeiros tempos com o pluripartidarismo anterior a março de 64, a ordem militar editou, em outubro de 1965, um Ato Institucional (nº 2), restringindo os poderes do Legislativo e do Judiciário e impondo o fim do sistema partidário nacional. A edição do AI-2 “indicava uma grande intervenção nas instituições políticas nacionais. Além da extinção do pluripartidarismo, o governo impunha a eleição indireta para presidente e vice-presidente. Seguia-se uma enxurrada de leis, regulamentando a formação dos partidos e disciplinando as eleições sem qualquer participação efetiva do Congresso” (Dantas, 1997, p. 39). As agremiações políticas criadas então foram Aliança Renovadora Nacional, ARENA que era governista, e o Movimento Democrático Brasileiro, MDB, “uma espécie de frente oposicionista”, segundo Ibarê Dantas.

Assim como aconteceu em outras partes do país, a ARENA foi o primeiro partido a se organizar em Sergipe. Em fevereiro de 1966 se instalava no Estado a agremiação destinada a proporcionar apoio à denominada “Revolução de 1964” e que aglutinava “a esmagadora maioria dos quadros de representação da classe dominante de Sergipe”. Já no caso do MDB, apesar das dificuldades encontradas, um grupo capitaneado pelo Deputado Federal José Carlos Teixeira

conseguiu formar a Diretoria e instalar a agremiação no dia 22 de abril de 1966. “Nascia o MDB como um pequeno partido composto por um grupo heterogêneo de indivíduos, incluindo alguns poucos empresários, proprietários rurais, estudantes, funcionários, envolvendo desde comunistas a capitalistas, como uma frente política. Tendo como principal liderança José Carlos Teixeira, com o suporte financeiro da família, que tinha como base econômica a pecuária e o comércio, a nova agremiação, embora manifestando-se reformista, surgia sob restrições dos autoritários, tanto de direita quanto de alguns setores de esquerda. Apesar disso, desde o início foi-se apresentando como um dos principais núcleos de resistência dos ideais democráticos e único canal institucional contra a ordem autoritária, tendo por principal bandeira a redemocratização do país”. (Dantas, 1997, p. 46).

Na mesma linha da descrição feita por Dantas, Jorge Carvalho afirma que o “objetivo maior do partido era o de reorganizar o estado democrático de direito no Brasil.” Na sequência, descreve os nomes daqueles que, desde o primeiro momento, aceitaram o convite de José Carlos Teixeira para filiarem-se ao partido. “Jaime Araujo, Viana de Assis, Tertuliano Azevedo, Baltazar Santos, Núbria Macedo, Otávio Martins Penalva, Pedro Garcia Moreno, Carlieto Melo, Umberto Mandarino, José Lavres da Fonseca, Raimundo Souza, Deoclécio Vieira, Bismarck Santos, Manoel Cardoso, Eraldo Lemos e Antônio Tavares, dentre outros.” (Nascimento, 2019, p.38). Além dos familiares mais próximos de José Carlos Teixeira, como seu pai Oviedo Teixeira e os irmãos Luiz Antônio e Tarcísio Mesquita Teixeira.

Instalado oficialmente no mês de abril de 1966, o MDB precisou ser preparado às pressas para viabilizar a participação de candidatos da sigla nas eleições que ocorreriam no mesmo ano, para o que foi essencial o trabalho de Jaime. “Delegado do MDB junto ao Tribunal Regional Eleitoral, o advogado Jaime Araujo foi encarregado de registrar a primeira chapa de candidatos do partido em Sergipe.”, chapa na qual constava seu nome dentre os candidatos a Deputado Estadual.

O amigo e correligionário de Jaime, João Augusto Gama, destacou alguns fatos da campanha. “A seu pedido, participei de um grupo de estudantes notáveis que tinham entre eles Abelardo Souza, Benedito Figueiredo, Mário Jorge Vieira, Wellington Mangueira, Wellington Paixão, todos da Faculdade de Direito, e Chico Varella, de Química. Fomos treinados para trabalhar na eleição e na posterior apuração dos votos pelo interior de Sergipe.” (Entrevista concedida em 26/11/2016).

“Jaime Araújo, didaticamente, preparou todo o grupo para fazer impugnações, interpor recursos, pedir recontagem e, principalmente, fazer a fiscalização contra prováveis fraudes eleitorais. Eu segui para Ribeirópolis. Chico Varella foi designado para Moita Bonita, mas teve que dormir em Ribeirópolis. Não havia onde acomodar Chico em Moita Bonita. No dia seguinte, no final da eleição, fomos buscar em Moita Bonita. Chico estava morto de fome, não conseguiu comprar comida no comércio local nem ninguém lhe ofereceu, tal o medo que a população do interior tinha dos “comunistas do MDB” (Gama: Jaime Araujo – Uma Inteligência Brilhante. Revista Cumbuca. Aracaju, ano VI, nº 17, março/2018, pág. 51.).

“A adesão ao governo militar era tamanha que naquelas eleições o maior problema da oposição para compor a sua chapa era o reduzido número de candidatos. Enquanto na chapa da Aliança Renovadora Nacional concorriam 56 nomes ao cargo de Deputado Estadual, a chapa do Movimento Democrático Brasileiro reuniu apenas 32 nomes, muitos ligados a empresas da família de Oviedo Teixeira. Também concorriam outros empresários, como Edson Mendes de Oliveira.” (Nascimento, 2019, p. 184).

Fotos de divulgação da candidatura de Jaime. 1966.



Apurados os votos, o MDB havia eleito um Deputado Federal, José Carlos Teixeira, e seis Deputados Estaduais.

ELEIÇÕES 1966	
CANDIDATOS ELEITOS A DEPUTADO ESTADUAL PELO MDB	
1. Edson Mendes de Oliveira	1.834 votos
2. Núbia Nabuco Macedo	1.737 votos
3. Jaime de Araújo Andrade	1.586 votos
4. José Baltazarino dosSantos	1.482 votos
5. Otávio Martins Penalva	1.378 votos
6. Carlito Pereira Melo	1.185 votos

Dantas, 1997, p. 52.

Ibarê Dantas destaca a importância do apoio dado por lideranças estudantis ligadas à esquerda para a vitória de Jaime como candidato do MDB. Nas notas do capítulo que trata do processo eleitoral de 1966, Dantas reproduz trecho de um depoimento dado por Gama a Osmário Santos a respeito da eleição. “O Jaime [Araújo] exercia pelo seu talento e seriedade uma influência muito forte no setor estudantil. Foi a Faculdade de Direito que deu sustentação para que se pudesse fazer a própria eleição, pois o MDB não tinha quadro.” (Dantas, 1997, p. 61). A relação de apoio que se estabeleceu entre as lideranças estudantis de esquerda e Jaime de Araújo no processo eleitoral de 1966 é considerada por Dantas, inclusive, com indicador da opção por uma prática mais moderada do Partido Comunista Brasileiro à época.

Empossado como Deputado Estadual no início de 1967, Jaime pediu afastamento do CONDESE e da Escola Industrial de Aracaju, para dedicar-se unicamente à atividade política, de forma que conseguiu se tornar o parlamentar mais combativo da legislatura. O avanço da linha dura dos quartéis no comando do governo e o uso crescente da violência contra os que se opunham ao domínio militar encontrou no deputado um ativo oponente. Seja na tribuna da Câmara ou fora dela, Jaime fazia uso da sua grande capacidade de oratória para condenar a política repressiva e solidarizar-se com as vítimas da repressão. No exercício da atividade parlamentar, participou da Comissão de redação da Constituição do Estado de Sergipe, foi membro da Comissão de Constituição e Justiça e líder do seu partido – MDB – na Assembleia Legislativa. “Foi um parlamentar excelente, não só pelos pronunciamentos como pela contribuição intelectual para os projetos de lei”. (Alberto Carvalho. Jaime Araujo Andrade – Uma Lembrança. Texto datilografado.).



Jaime discursa em jantar durante sua legislatura. Aracaju, 1967.

Ao tomar posse no parlamento estadual, no início de 1967, a bancada do Movimento Democrático Brasileiro escolheu o deputado Otávio Penalva para ser o líder do partido na Assembléia Legislativa, indicando como vice-líder Jaime Araujo. Uma das mais acesas polêmicas enfrentadas pela bancada emedebista no parlamento de Sergipe dizia respeito à responsabilidade de elaborar a nova Constituição Estadual. “A Constituição Federal, que vigorava a partir de janeiro de 1967, estabelecia que as Constituições dos Estados deveriam se adaptar à nova ordem constitucional brasileira. No dia 20 de fevereiro daquele ano, o Governador Lourival Batista assinou decreto lei instituindo uma comissão encarregada de proceder aos estudos preliminares a fim de adaptar a Constituição Estadual à carta magna federal. O deputado Jaime Araujo criticou duramente o chefe do Poder Executivo, afirmando que Sergipe, estado de grande tradição jurídico-política, poderia oferecer ao país um magnífico exemplo de ordenação constitucional, garantindo à sua Carta princípios que pudessem formalizar um novo sistema de vivência democrática. O parlamentar emedebista sustentou que a Constituição Federal determinava o prazo de 60 dias, até o dia 15 de março, para que o Estado adaptasse o seu ordenamento constitucional e que esta era uma tarefa restrita ao poder legislativo. Portanto, a formação de uma comissão por Decreto Lei do Executivo representava uma intromissão indevida, pois não competia ao Governador enviar qualquer mensagem de nova Constituição para o parlamento.” (Nascimento, 2019, p. 143).

No discurso, o parlamentar fez alusão ao fato de o governador de Sergipe ter imitado grandes e importantes Estados brasileiros

que haviam criado Comissão Mista de Juristas e Parlamentares para fins de “adaptação da Constituição do Estado”.

“O Governador procura imitar a orientação adotada em Minas Gerais, São Paulo, Guanabara e Paraná, que apesar do pensamento metropolitano, não me parece ser a melhor orientação jurídica. Além do mais, o governador estadual não é competente para enviar mensagem de nova constituição ao Legislativo”. (Albuquerque. Fragmentos da História Constitucional de Sergipe. Revista do IHGS, nº 40, 2010).

Anunciada solenemente no dia 20 de fevereiro de 1967, a Comissão Mista designada pelo Governador Lourival Baptista estava assim Constituída: “a) Deputado Santos Mendonça, Presidente da Assembleia Legislativa; b) Deputado Jaime de Araujo Andrade, do Movimento Democrático Brasileiro – MDB; c) Doutor Hosman Hora Fontes; d) Desembargador Humberto Diniz Sobral, Presidente do Tribunal de Justiça do Estado; e) Doutor Achiles Lima, Presidente da Ordem dos Advogados do Brasil em Sergipe; f) Doutor Gonçalo Rollemberg, Diretor da Faculdade de Direito de Sergipe; g) Desembargador Antônio Xavier de Assis Júnior, Presidente do Tribunal Regional Eleitoral. Importante registrar que na hora do agradecimento feito pelos nomeados, o Deputado Jaime Araujo, “ao invés de agradecimento, irrompeu com contundente discurso contra a própria criação da comissão, defendendo as atribuições e prerrogativas da Assembleia Legislativa”. (Albuquerque. Fragmentos da História Constitucional de Sergipe. Revista do IHGSE, nº 40, 2010).

Na sequência, Albuquerque revela que a “Constituição Esta-

dual acabou não sendo feita pela comissão acima referida, mas por uma Comissão Especial, criada por Decreto datado de 06 de março de 1967, e assim constituída: a) Doutor Geraldo Barreto Sobral, Secretário da Justiça e Interior, como seu Presidente; b) Doutor Gonçalo Rollemberg Leite; c) Deputado José Santos Mendonça; d) Doutor Osman Hora Fontes; e) Deputado Antônio Torres Júnior; f) Deputado Jaime Araujo Andrade; g) Doutor Manoel Achilles Lima; h) Doutor Luiz Magalhães”. (Albuquerque. Fragmentos da História Constitucional de Sergipe. Revista do IHGSE, nº 40, 2010).



Jaime participa de reunião da União Parlamentar Interestadual (de pé, falando ao telefone). Rio de Janeiro, 1968.

Os últimos anos da década de 1960 foram marcados por um crescente endurecimento do regime militar como resposta ao aumento das formas de mobilização de setores da sociedade civil, em especial do movimento estudantil. Neste sentido, seguem-se as edições de Atos Institucionais, que culminam no Ato nº 5, o AI-5, assinado em dezembro de 1968. “Com esse instrumento normativo

o Executivo tornou-se autorizado a fechar as diversas casas legislativas, intervir nos Estados e municípios, cassar mandatos eletivos e suspender direitos políticos, remover e aposentar ou reformar funcionários, decretar estado de sítio e confisco de bens, suspender garantias constitucionais e estabelecer censura à imprensa”. (Dantas, 1997, p. 99).



O Deputado discursa na Tribuna da Assembleia Legislativa de Sergipe. 1968.

Já no dia seguinte a edição do Ato começou a sair de todos os quartéis do país intimações e listas com nomes de pessoas indiciadas e presas, atingindo as diversas esferas da sociedade política. Em Aracaju, as agremiações estudantis e a Assembleia Legislativa foram o centro da atenção dos militares nos primeiros momentos de vigência do AI-5. “Nas festas do fim do ano de 1968, os deputados José Gilton Pinto Garcia, presidente da Assembleia, e Aerton Silva da Fonseca, 1º Secretário, foram convidados a depor no Quartel do 28º Batalhão de Caçadores (onde) ambos ficaram detidos. Em seguida foram presos também os deputados Edson Mendes de Oliveira e Francisco Teles de Mendonça, todos da ARENA.

Noticiou-se que os dois primeiros, como participantes da Mesa da Assembleia, estavam envolvidos em corrupção [...] Edson Mendes de Oliveira era acusado de contrabando [...] Quanto a Francisco Teles de Mendonça, conhecido como Chico de Miguel, pesava-lhe a acusação de assassinato.” (Dantas, 1997, p. 106/107).

“Após a vigência do Ato Institucional Nº5 nada menos de nove parlamentares sergipanos foram punidos com a cassação de seus mandatos e a suspensão de seus direitos políticos. Quando se acrescenta a esta lista a cassação do Deputado Estadual Viana de Assis em 1964, chegamos ao total de dez parlamentares cassados em Sergipe durante a ditadura militar. Em março de 1969 foram cassados os Deputados Estaduais Aerton Menezes Silva, Francisco Teles de Mendonça, José Santos Mendonça, José Gilton Pinto Garcia, Edson Mendes de Oliveira e Baltazarino Santos. No final do mês de abril foram anunciadas as cassações dos Deputados Estaduais Rosendo Ribeiro Filho e Jaime Araujo Andrade, além do Deputado Federal João Machado Rolemberg Mendonça, o único representante sergipano no Congresso Nacional punido pelo AI5.” (Nascimento, 2019, p. 296).



**Deputado
Estadual Jaime
Araujo, 1968.**

Um dos amigos mais próximos de Jaime, Alberto Carvalho descreveu no já citado documento, o sentimento que tomou conta do parlamentar e de pessoas que lhe eram próximas, ao tomarem conhecimento das decisões contidas no AI-5. “13 de dezembro de 1968, Bar de Seo Chagas, Atalaia. Numa mesa, eu, Fausto Cunha [...], Luiz Antônio Barreto, Jackson da Silva Lima; numa outra mesa próxima, Jaime, Viana de Assis e outros que não me lembro. A televisão anunciava para logo mais um pronunciamento do governo (Costa e Silva) através da Voz do Brasil.

Terminada a leitura do famigerado AI-5, Fausto Cunha, editor do Correio da Manhã disse: “Sigo amanhã para o Rio para ser preso com os companheiros do Jornal”. Fausto estava em Aracaju pesquisando elementos do romantismo em Sergipe para seu livro sobre o movimento no Brasil. Da outra mesa ouvimos Jaime afirmar, alto e bom som: “Este vai me pegar!”. Não deu outra. Jaime cassado, Fausto e companheiros presos e o Correio que tanto ajudara a *redentora* de 1º de abril, fechou as portas.” (Carvalho. Jaime Araujo Andrade – Uma Lembrança. Texto datilografado.).

Afora o apoio político aos estudantes na sua luta contra o Estado autoritário, pesou também contra Jaime o fato de ter contribuído financeiramente para a viagem dos estudantes sergipanos que participaram do Congresso da UNE realizado em Ibiúna-SP. Além disso, como parlamentar, Jaime manteve hábitos anteriores ao exercício do mandato, como a frequência diária ao bar Cacique Chá na companhia de amigos, dentre eles os estudantes “comunistas”, os quais tinham acesso inclusive aos encontros regulares que

aconteciam em sua residência. Tais fatos teriam sido considerados motivadores da sua cassação, conforme ficha elaborada pelo DOPS.

Jaime de Araújo Andrade, “bacharel em Direito, homem ligado à esquerda, combateu sempre a Revolução de 1964 na Tribuna da Assembléia, ultimamente tem sido encontrado em bares conversando com estudantes indiciados em inquéritos Policial Militar, entre eles alguns dos quais tomaram parte no Congresso de Ibiúna-SP. (Dantas, 1997, p. 109)

Segundo Dantas, “em face de sua atuação combativa e dos procedimentos que os militares consideravam como crime, inclusive conversar com estudantes indiciados em mesa de bar, pode parecer até que foi cassado por “más companhias”, entretanto é provável que o motivo alegado tenha sido subversão, segundo a classificação e os juízos da época”. (Dantas, 1997, p. 109).

Como é próprio dos regimes autoritários, os dirigentes militares da época não tinham critérios claros no uso da força contra aqueles que consideravam inimigos. Haja visto o que aconteceu com o cunhado de Jaime, Esdras Araujo Carvalho, um simples carteiro dos Correios & Telégrafos que teve seus direitos políticos cassados por força do AI-5. Segundo relato de Acácia, sua esposa e irmã de Maura, a cassação do seu marido foi responsável por um período de muita dificuldade para toda a família, pela perda do emprego e a impossibilidade de um novo trabalho no setor público [entrevista de Maria Acácia Fontes Carvalho em 11/01/2021].

Certidão e cópia que a presente só é válida se a reprodução for do original autêntico

27 OUT. 2005 Aracaju SE

Em Tabela

2015 FÉRIAS COM 1/3 DO SALÁRIO

SELO DE AUTENTICIDADE Art. 17

Certidão nº 10576

PRÉSIDÊNCIA DA REPÚBLICA
GABINETE DE SEGURANÇA INSTITUCIONAL
AGÊNCIA BRASILEIRA DE INTELIGÊNCIA

CERTIDÃO

Em conformidade com a Portaria nº 510, de 16 nov. 2000, da Agência Brasileira de Inteligência do Gabinete de Segurança Institucional da Presidência da República é em atendimento ao requerimento de Célia Fontes Araújo do Nascimento, protocolizado no dia 16 ago. 2005, referente ao seu falecido pai, é certificado que, nos arquivos sob custódia desta Agência, há registros sobre fatos e situações com as seguintes indicações a respeito do "de cujus":

JAIME DE ARAÚJO ANDRADE, brasileiro, filho de Balthasar da Costa Andrade e Florentina de Araújo Andrade, nascido no dia 2 mar. 1932, em Frei Paulo/SE.

Foi deputado estadual pelo Movimento Democrático Brasileiro (MDB), em Sergipe.

Conforme fez público o Diário Oficial nº 80, de 30 abr. 1969, o presidente da República, no uso das atribuições que lhe conferia o art. 4º do Ato Institucional nº 5, de 13 dez. 1968, e tendo em vista a indicação do Conselho de Segurança Nacional, resolveu cessar o mandato eletivo estadual e suspender os direitos políticos, pelo prazo de dez anos, do deputado estadual de Sergipe Jaime de Araújo Andrade.

Conforme fez público o Diário Oficial nº 192, de 7 out. 1969, os ministros da Marinha de Guerra, do Exército e da Aeronáutica Militar, no uso das atribuições que lhes conferia o art. 1º do Ato Institucional nº 12, de 31 ago. 1969, e tendo em vista representação feita pelo governador do estado de Sergipe, constante do Processo nº

1/2

CARTILHO DO 6º OFÍCIO
Célia Fontes Araújo do Nascimento
Município: Frei Paulo, Estado: Sergipe
Data: 27/10/2005

(continuação da Certidão nº 10576, de 20 de outubro de 2005 – Agência Brasileira de Inteligência – Abin)

15.799/69, do Ministério da Justiça, resolveram aposentar Jaime de Araújo Andrade, com base na alínea "b" do artigo 1º, do Ato Institucional nº 10, de 16 de maio de 1969, no cargo de assessor jurídico do Conselho do Desenvolvimento Econômico de Sergipe, com vencimentos proporcionais ao tempo efetivo de serviço.

Conforme fez público o Diário Oficial nº 206, de 27 out. 1969, os ministros da Marinha de Guerra, do Exército e da Aeronáutica Militar, usando das atribuições que lhes conferia o art. 3º do Ato Institucional nº 16, de 14 de outubro de 1969, combinado com o art. 1º, letra "b", parágrafo 2º, do Ato Institucional nº 10, de 16 maio de 1969, e art. 1º, inciso II, do Ato Complementar nº 39, de 20 de dezembro de 1968, resolveram aposentar Jaime de Araújo Andrade, no cargo de professor do Ensino Industrial Técnico, nível 19, do Quadro de Pessoal – Parte Especial, da Escola Técnica de Sergipe, com proventos proporcionais ao tempo efetivo de serviço.

É o que consta nos arquivos sob custódia da Agência Brasileira de Inteligência (Abin).

Brasília, DF, 20 de outubro de 2005

SELO DE SEGURANÇA

VERONE GONÇALVES CAUVILLE
Coordenadora-Geral de Documentação
Agência Brasileira de Inteligência/GSI/PR

VALIDO SOMENTE PARA
SELO DE AUTENTICIDADE
Art. 17

CARTILHO DO 6º OFÍCIO
Liberando-se a cópia que a presente só é válida se a reprodução for do original autêntico

27 OUT. 2005 Aracaju SE

Em Tabela

da Verdade

Art. 17

CARTILHO DO 6º OFÍCIO
Célia Fontes Araújo do Nascimento
Município: Frei Paulo, Estado: Sergipe
Data: 27/10/2005

2/2

Cassação do mandato, suspensão dos direitos políticos e aposentadoria compulsória de Jaime como Assessor Jurídico do CONDESE e Professor da Escola Técnica de Sergipe.

Certidão emitida pela Agência Brasileira de Inteligência. Brasília, 2005.

João Augusto Gama, um dos estudantes punidos pelo regime, descreve os efeitos imediatos da cassação na vida pessoal e familiar do parlamentar. “Tem início o período mais difícil da vida de Jaime. Sem mandato, demitido dos seus empregos e sem uma casa

para morar. Ele havia vendido sua casa da rua Itaporanga para construir outra, adquiriu o terreno, mas com o fechamento da Assembleia Legislativa ficou sem outra fonte de renda e precisou consumir o dinheiro da venda do imóvel”.

Prossegue, “Jaime Araújo sabia que era preciso resistir. Agradeceu emocionado o convite de José Carlos Teixeira para trabalhar em uma gráfica de sua propriedade em Brasília e aos poucos foi recompondo sua vida. Sua esposa Maria Maura Fontes Andrade, assistente social, compreendendo o momento difícil que passa o esposo, sai em busca de trabalho para ajudá-lo”. (Gama: Jaime Araujo – Um Exemplo para Recordar. *Jornal da Cidade - Coluna Opinião*. Aracaju, domingo, 11/12-01-2009). Maura, que ao casar havia deixado o trabalho no SESC para assumir os cuidados da casa e da família, voltou a prestar serviço no mesmo órgão após a cassação do mandato parlamentar do marido.

Além de perder o mandato eletivo e os direitos políticos por dez anos, Jaime também foi desligado do CONDESE em decorrência da decretação da sua aposentadoria compulsória. Tendo começado a trabalhar nos Correios aos quinze anos de idade e vivido, desde a entrada na idade adulta, uma sequência incessante de exercício de cargos e funções em órgãos públicos, Jaime enfrentava o desemprego após alcançar o que pode ter sido o ponto alto da sua vida.



Jaime e Maura, pouco antes da cassação do seu mandato. Outubro de 1968.

Mas não demorou muito para que Jaime voltasse a recompor sua vida trabalhando como advogado, só que no setor privado. Em abril de 1970, após um ano da perda do mandato parlamentar, ele assinou contrato para trabalhar como advogado da empresa de transporte Senhor do Bonfim, cujo proprietário tinha laços familiares com os Teixeira. O que fez também Tarcísio Teixeira, ao contratar Jaime para ser advogado da Norcon, empresa de construção civil de propriedade da família.

Pela mesma época Jaime assinou contrato social com o também advogado Tertuliano Azevedo para criação da sociedade denominada Procuradoria e Advocacia Ltda. – PROCAD. “Com as desapropriações pela União das terras ribeirinhas do Baixo São Francisco, Jaime Araújo conquista através do bom conceito que desfrutava o patrocínio de quase todas as causas. Ganha um bom

dinheiro e termina sua casa na rua Joaquim Góis”. (João Augusto Gama em entrevista concedida em novembro de 2016). Dois anos depois Jaime Araújo e Tertuliano Azevedo ainda registraram em cartório a sociedade civil denominada “Tertuliano Azevedo e Jaime Araújo – Advogados Associados”. Esta sociedade, que tinha sua sede instalada na Rua de São Cristóvão, esquina da avenida Ivo do Prado, foi dissolvida em comum acordo no ano de 1977.

Em 28 de agosto de 1980, Jaime recebeu anistia do Governo Federal e, logo em seguida, por indicação de Albano do Prado Franco, foi trabalhar na Federação Nacional das Indústrias. Para exercer o cargo de Superintendente do Departamento Nacional do SESI ele precisou mudar para o Rio de Janeiro, mas não demorou a abrir mão do cargo e voltar para Aracaju e para o trabalho na área advocatícia. Montou novo escritório na Travessa Benjamim Constant, seu local de trabalho até 1988, ano da sua morte prematura, aos 56 anos.

Placa de homenagem a Jaime pela sua atuação no SESI. 2001.



Conforme João Augusto Gama, a ida de Jaime para Brasília no início dos anos 80 inviabilizou o lançamento da sua candidatura a deputado estadual nas eleições de 1982. A mudança teria acontecido quando os amigos Luiz e Tarcísio Teixeira, além do próprio Gama, haviam começado as tratativas no sentido de reconduzirem Jaime ao mandato parlamentar que fora interrompido pela ação do Estado Autoritário. “Sua ida para a Federação Nacional das Indústrias, no início dos anos 80, ponderada em sua casa por mim, Luiz e Tarcísio Teixeira foi um erro que inviabilizou seu retorno como candidato em 1982.” (Entrevista concedida em 26/11/2016).

Encerrara-se uma das fases mais importantes da vida do ex-parlamentar, a de intensa participação em atividades políticas na condição de protagonista. Numa pertinente observação, a filha Selma fez menção ao fato de que, até a reintegração dos seus direitos políticos, Jaime tinha expectativa de voltar a ocupar o lugar que alcançara ao chegar ao Parlamento. Como isso não aconteceu, seu pai teria se frustrado e intensificado a rotina de farras, por conseguinte, ultrapassando limites da combinação de bebidas alcoólicas e cigarros, que acabaram por minar sua saúde e apressar sua morte.

Somente no ano de 2015, a Assembleia Legislativa de Sergipe devolveu simbolicamente o mandato de Deputado Estadual aos parlamentares que foram cassados pelo governo militar, incluindo aí Jaime de Araujo Andrade (in memorian), recebido pelos familiares.



Convite para a sessão especial de devolução simbólica dos cargos na ALESE.



Certificado de devolução do mandato de Deputado Estadual. Ano 2015.

CAPÍTULO 4

FAMÍLIA & AMIGOS

O menino Jaime Araújo que nasceu numa família de muitos filhos e poucos recursos, na então chamada cidade de São Paulo, teve seu destino mudado após adoção por um casal de parentes da mãe biológica. Ao fixarem residência na capital na metade dos anos 40, eles puderam lhe oferecer, além do zelo e amor de pais de filho único, oportunidade de acesso a um ensino na medida para estimular o potencial do jovem estudante.

A formação como Bacharel em Direito, o envolvimento com a militância política estudantil e a atuação na área jornalística, em Sergipe e no Rio de Janeiro, acontecidos nos anos de 1950, foram importantes para completar a formação profissional e política de Jaime Araújo.

À época ele ainda morava com Crisolita e Lourival e namorava uma aluna do curso de Serviço Social, Maria Maura Melo Fontes, que conhecera numa festa promovida por estudantes universitários. Nascida na Fazenda Lagoa Grande, no município de Riachão do Dantas, Maria Maura era a mais velha dos cinco filhos do casal Abílio de Carvalho Fontes e Ilnah de Melo Fontes. Após concluir o curso primário, Maura mudou-se para Aracaju a fim de continuar os estudos e passou a morar na casa da avó, Maura Soares de Melo, localizada na avenida Barão de Maruim. Em meados da

década de 1950, a mãe de Maura transferiu-se para Aracaju com as filhas Maria Amália, Maria Ivone e Maria Acácia. Após isso, Maura foi morar com a mãe e as irmãs, enquanto seu irmão Wellington permaneceu na fazenda com o pai. Coincidentemente, o novo endereço de Maura passou a ser na rua Riachuelo, a mesma onde ficava a residência de Jaime.



Noivado de Jaime e Maura, acompanhados dos amigos Viana de Assis e Afonso Pacheco. Aracaju, 1960.

Nascidos no mesmo ano de 1932, Jaime e Maria Maura noivaram no final de 1960 e o enlace matrimonial ocorreu em 19 de maio de 1962, na Igreja São José. Após quase cinco anos do início do namoro, Maura passou a assinar Maria Maura Fontes de Araujo Andrade.

Assim como suas duas irmãs, o primeiro local de trabalho de Maura foi o Hospital Cirurgia. Na instituição hospitalar, ela e Maria Ivone trabalharam como Assistentes Sociais e Acácia no setor administrativo. Nos três anos anteriores ao casamento ela já havia se desligado do hospital para trabalhar no Serviço Social do Comércio – SESC, de onde se afastou para dedicar-se aos cuidados da casa e da família.

**Enlace
matrimonial de
Jaime e Maria
Maura, no ano de
1962. Na foto o
casal e a porta-
aliança Sônia
Azevedo.**



A dedicação à família e às atividades domésticas, no caso de Maura, não se resumiam apenas à família nuclear, considerando que após o casamento ela também assumiu os cuidados dos pais de Jaime, além de se tornar responsável pelos grandes encontros familiares, a exemplo dos que aconteciam na sua residência quando das festas natalinas.

A propósito, cabe fazer aqui o registro de um episódio envolvendo Edson, irmão de Jaime, em fato por ele mesmo descrito quando da sua entrevista. Na tarde de um domingo do ano de 1972, Edson pediu emprestado o carro do irmão, sob a justificativa de levar os sobrinhos para passear. Só que, após um rápido passeio com as crianças, segundo informação de Selma, Edson deixou os sobrinhos em casa e fugiu com a namorada para local desconhecido. Quando no dia seguinte ao da “fuga” Jaime foi procurado por um amigo de Edson, que fora encarregado de explicar o que havia acontecido, o mesmo não pôde falar devido às imprecações desferidas pelo mesmo. Coube então a Maria Maura tomar as providências, não só para o retorno do casal, mas também para o casamento de Edson com Tatiana Mellins, sua namorada à época e até hoje sua esposa.

O primeiro endereço do casal formado por Jaime e Maura foi na rua Itaporanga. Mas eles não ficaram sozinhos por muito tempo, pois a família foi sendo acrescida com a chegada de filhos após o primeiro ano do casamento. Primeiro nasceu um menino, batizado Ricardo Fontes de Araújo Andrade (março de 1963), e na sequência duas meninas, que receberam os nomes de Selma Fontes de Araújo Andrade (abril de 1964) e Nilma Fontes de Araújo An-

drade (março de 1965). Dez anos após o nascimento do primogênito a família ficou completa com a chegada de mais uma menina, batizada Célia Fontes de Araújo Andrade (março de 1973).



Jaime e Maura. Aracaju, 1968.



Ricardo, Selma e Nilma, 1968. Foto Lineu.



Ricardo, Selma, Célia e Nilma. Aracaju, 1974.

O casamento e a chegada dos filhos não trouxeram mudanças significativas para a rotina de Jaime, no que diz respeito aos rituais seguidos por ele desde os tempos de estudante, como a leitura diária de vários jornais, de livros, o trabalho e o encontro com amigos no Cacique Chá. Tal encontro se repetia aos domingos, quando abria as portas da residência para recebê-los, na famosa *domingada*. Tamanha ocupação deixava pouco tempo para uma convivência mais próxima de Jaime com a família e quase nenhum dedicado exclusivamente aos filhos, para acompanhamento da vida escolar, promoção de passeios e realização de atividades de lazer, por exemplo.

Segundo relato das filhas, cabia a Maria Maura a responsabilidade sobre tudo o que dizia respeito à vida doméstica e à vida escolar dos filhos. Das poucas brincadeiras de que participavam com o pai quando pequenas, Selma e Nilma lembram de uma que

deixou marcas mais fortes na memória, quando Jaime se cobria com um lençol para aparecer como fantasma e, assim, assustar e divertir seus filhos e os dos amigos que costumavam frequentar a casa. Aqueles que foram mais próximos de Jaime destacam, no entanto, o forte vínculo sentimental que ele mantinha com a família e com os amigos.

A propósito, cabe fazer registro de fato acontecido quando da sua primeira viagem à Europa, acompanhado da esposa em 1975. Procurado por Jaime antes da viagem, Afonso Pacheco recebeu dele um envelope lacrado e a recomendação de que o mesmo só deveria ser aberto na eventualidade de um acidente fatal com o casal. Quando falou sobre o fato, Afonso relembrou o suspense vivido com o misterioso envelope, cujo conteúdo só veio a ser descoberto quando Jaime retornou da viagem. Pacheco foi então surpreendido pela descoberta de que havia recebido a incumbência de ser tutor dos quatro filhos de Jaime e Maura no caso de uma fatalidade. (Entrevista concedida em 10/10/2016).

**Comemoração
dos 15 anos de
casamento.
Aracaju, 1977.**



Contrariamente à sua importância, a fase da imersão de Jaime na política partidária é a menos conhecida por amigos próximos, a exemplo dos irmãos Pacheco e até mesmo pelos familiares. De acordo com a filha Selma, ele manteve a família distante das questões relacionadas à sua atividade parlamentar, o que dificultou a obtenção de maiores informações sobre essa fase tão importante da vida dele.



Jaime com Carlos Machado e Luís Teixeira. Rio de Janeiro, 1973.

Certo é que quando passou a se dedicar ao trabalho particular na área advocatícia, a partir dos anos de 1970, Jaime pode dispor de mais tempo para as viagens de lazer acompanhado de amigos e da esposa. Somente para a Europa foram duas viagens de turismo, em 1975 e 1979.



Jaime e Maura em viagem à Europa. França, 1979.



Jaime, Maura e casais amigos na segunda e última viagem à Europa. 1979.

Enquanto isso, o advogado dava prosseguimento a uma rotina que incluía a leitura diária de jornais antes de seguir para o trabalho no escritório e o pouco tempo em família, ao contrário daquele dedicado ao encontro com amigos em rodadas de bebidas em bares, ou mesmo nas dependências da empresa Norcon. Durante o período em que prestou serviços para a empresa de construção civil, Jaime costumava receber amigos próximos para algumas rodadas de cerveja e whisky na manhã dos sábados, após o término do expediente. Esses encontros eram acompanhados pelos irmãos Luiz e Tarcísio Teixeira, donos da empresa, mesmo não sendo dados ao consumo de bebidas alcóolicas. Por essa época, as farras domingueiras aconteciam nas dependências da casa que Jaime mandara construir no começo dos anos de 1970 para ser a residência da família. Situada no número 41, da rua Joaquim Góis, no bairro 13 de Julho, residência atual da filha Célia.

A década de 1980, já se iniciou promissora para Jaime, com a anistia política concedida pelo Governo Federal, sua nomeação para o cargo de Superintendente do Departamento Nacional do SESI no Rio de Janeiro e o retorno ao lar, à sua própria banca advocatícia e aos rotineiros encontros com os amigos. À exceção de Célia, ainda uma adolescente, os demais filhos haviam ingressado em cursos superiores: Ricardo, cursando Engenharia Civil na Universidade Federal da Bahia, Selma cursando Engenharia Química e Nilma no curso de Engenharia Civil, ambas na Universidade Federal de Sergipe. Vivia talvez a melhor fase da sua vida e era um homem ainda moço, pois estava na faixa dos cinquenta anos.

Contudo, a vida sedentária, o crescente consumo de bebidas

alcóolicas e de cigarros começou a debilitar sua saúde. Em 1977, ele internou-se num Centro Médico e Cirúrgico de São Paulo para fazer um *check up* geral. Dez anos depois dessa tentativa de melhorar a saúde e um ano antes da morte súbita, passou cerca de dez dias numa clínica de emagrecimento em Sete Voltas, no Rio de Janeiro, mas a manutenção dos velhos hábitos impossibilitou o alcance dos resultados desejados. Segundo a filha Selma, o médico de Jaime chamava muito a atenção do pai a respeito do estrago já causado nos seus pulmões pelo cigarro, o que não impediu que ele se mantivesse fumante até sofrer o infarte que o vitimou.

Jaime, abril de 1985.



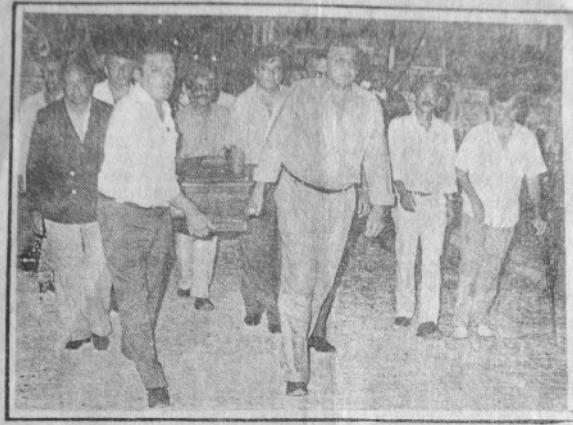
A sexta-feira, dia 11 de março de 1988, era esperada pela família de Jaime com especial interesse. As filhas Selma e Nilma, que moravam em Salvador, eram aguardadas para a festa de aniversário dos 15 anos da irmã caçula Célia. Para dar conta das tarefas Maria Maura precisou madrugar e, num retorno ao quarto, por volta das cinco horas da manhã, encontrou o marido desfalecido, enrolado no cortinado. Chamada às pressas, a médica e vizinha, Dra. Hortênsia Menezes, constatou a morte de Jaime. O dia que deveria ser de comemoração se transformou numa data de dor e de luto.

Velado na própria residência, o corpo de Jaime foi enterrado às 18 horas do mesmo dia, no Cemitério Santa Isabel, com a presença de amigos e de várias autoridades. No dia seguinte, sua morte recebeu grande destaque nos principais jornais locais.

Advogado Jaime Araujo morreu ontem

“Morreu nas primeiras horas de ontem, vítima de edema pulmonar, o advogado Jaime de Araujo Andrade, 56 anos. O enterro do seu corpo aconteceu às 18 horas no Cemitério Santa Isabel com a presença de várias autoridades, inclusive do Governador Antônio Carlos Valadares.

Homem de destaque na sociedade sergipana, conforme frisou o Juiz de Menores José Rivaldo dos Santos, Jaime Araujo foi deputado estadual cassado no golpe de 1964, advogado do Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), e de empresas privadas, além de ter sido Procurador Geral da República no Governo de Seixas Dórea. (Jornal Gazeta de Sergipe, 12/03/1988).



Advogado Jaime Araújo morreu ontem

Morreu nas primeiras horas de ontem, vítima de edema pulmonar, o advogado Jaime de Andrade Araújo, 56 anos. O enterro do seu corpo aconteceu às 18 horas no Cemitério Santa Isabel com a presença de várias autoridades, inclusive do Governador Antônio Carlos Valadares.

Homem de destaque na sociedade sergipana, conforme frisou o Juiz José Rivaldo dos Santos, de Menores, Jaime Araújo, foi deputado estadual cassado no golpe de

1964, advogado do Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), e de empresas privadas, além de ter sido Procurador Geral do Estado no Governo de Seixas Dórea.

Ele chegou a argumentar que estava sentindo fortes dores e, na sua própria casa, faleceu às 5 horas da manhã. Durante o dia seu corpo foi velado na residência onde compareceram dezenas de amigos da família que foram lhe dar o seu último adeus.

Carregado por amigos o corpo de Jaime na chegada ao Cemitério. 1988.

Quatro anos após a morte de Jaime, em 1992, Crisolita Araujo Luz veio a falecer. Segundo o filho biológico Edson, a mãe ficou muito abatida com a morte daquele que fora o modelo de filho com o qual ela sonhara. No ano 2000 foi a vez do passamento de Maria Maura. Acometida de um câncer de pâncreas, faleceu no dia 22 de junho no Hospital São Lucas, onde se encontrava em tratamento a esposa, companheira e genitora dos filhos de Jaime Araujo. Quando da sua morte, Maura estava com 68 anos de idade.



Crisolita, mãe de Jaime, à época da sua morte, 1992.



Maria Maura Fontes de Araujo Andrade, no ano de sua morte

Maria Maura foi companheira ideal para o homem que dedicava a maior parte do seu tempo ao trabalho, à leitura e aos encontros com os amigos, “e sem reclamar”, como afirma João Augusto Gama. Além do trabalho como Assistente Social, Maura tinha a tarefa de cuidar do bom funcionamento dos serviços da casa, cuidar dos filhos e atender aos familiares mais próximos do marido nas

suas necessidades. Segundo a filha mais nova do casal, Célia de Araújo, o pai idolatrava a mãe e essa talvez fosse a melhor forma de recompensa pela sua dedicação.

“Para minha tristeza, de minha mãe, de minhas irmãs e, de tantos mais que não posso enumerar, ele acertou umas de suas previsões - não chegaria aos sessenta anos. E aí, se foi tão cedo.” Conforme registro do filho Ricardo, Jaime acertou na previsão do tempo que teria de vida. Ocorre que, inteligente como era, e tendo conhecimento do estrago que o tabagismo causava à sua saúde, ele optou por viver de forma intensa e prazerosa.

Aliado ao vício do fumo existia o alcoolismo, não reconhecido à época como hábito prejudicial à saúde. Importante registrar que apesar de familiares e amigos entrevistados terem destacado a rotina diária da ingestão de bebidas alcólicas, ninguém falou sobre o alcoolismo como um problema de saúde e também um problema social. Muito veladamente fizeram referência ao fato de a irreverência, que era própria de Jaime, causar alguns constrangimentos, quando sob o efeito de bebida. Ele ficava mais “desbocado”, foi como disseram. A dificuldade de sua reabilitação política foi outro desdobramento do alcoolismo, segundo outro entrevistado.

Contudo, o mais importante a destacar é o fato de Jaime Araújo ter conseguido conciliar um temperamento boêmio com um trabalho sério, de ter demonstrado competência em todas as atividades exercidas e, principalmente, de ter sido um homem que, tanto no plano público como no privado, deixou fortes lembranças em todas as pessoas com as quais conviveu, de forma a tornar-se

um tipo inesquecível, segundo Alberto Carvalho. (Carvalho. Jaime Araujo Andrade – Uma Lembrança. Texto datilografado.).

“Durante a II Guerra Mundial começou a circular, no Brasil, uma revista americana que sumariava livros para leitores preguiçosos ou não disponíveis nas nossas livrarias. Tal revista tinha uma seção intitulada Meu tipo inesquecível, depoimento de um escritor sobre uma pessoa que lhe foi marcante.

Terá sido Jaime de Araujo um tipo inesquecível? Para os seus amigos, creio que sim. Quando o conheci? Apesar de não se esfumar nas brumas do tempo, foi durante o curso médio (Collegial) no velho Atheneu, Rua da Frente, depois na Praça Camerino. Anos? Fins dos anos 40 e início dos 50. Turmas e cursos diferentes, ele no Clássico, eu no Científico, nossos contatos eram superficiais. Na Faculdade de Direito, eu na 2ª turma (a de 1956), Jaime na 3ª (1957), a amizade ficou mais estreita”.

No discurso proferido quando da inauguração da Sala Jaime de Araújo Andrade, na Justiça Federal, o Juiz José Emídio do Nascimento disse o seguinte sobre o homenageado: “Na sua vida profissional, nas diversas funções que exerceu, pontificou pela participação sem se acomodar ao cargo, porém procurando sempre o aprimoramento do órgão ou poder onde estivesse presente”.

Ele também destacou diferentes formas de honradez de Jaime, ressaltando a honradez de caráter no trabalho jurídico. “A honradez proclamada se apresenta quando, privando da amizade pessoal com todas as pessoas da casa, disse nunca tirou vantagem de ordem pessoal. A mesma honradez era demonstrada no patro-

cínio da causa, sem se valer de artifícios enganosos, ou engenhos maquiavélicos. A honradez que falo era o trato que dispensava aos colegas *ex-adverso* e ao Ministério Público. Essa honradez se fincava no dizer as coisas sem receios, com destemor, desde que se constituísse em verdades que ele acreditava”.

Na sequência afirma que saber o jurídico de Jaime “não é aquele barroco rococó, entremeado do latinório ininteligível que nada diz e tudo cita”. E que, “o seu saber jurídico consistia, ainda, em interpretar, em ler, às vezes nas entrelinhas, o verdadeiro sentido da lei, da doutrina e da jurisprudência”.

Afonso Pacheco foi um dos entrevistados que destacou a seriedade e a dedicação do amigo no exercício das funções que exerceu. A propósito da passagem de Jaime pelos Correios afirmou que ele foi um dos melhores diretores do órgão, onde fez um trabalho revolucionário. “Praticamente criou a estrutura que permitiu a modernização da Agência de Sergipe”. Ao falar sobre o assunto Afonso lembrou a péssima impressão que seu pai tivera do futuro diretor do órgão. Após as comemorações, Jaime e Manoel Pacheco, embriagados, adormeceram nos sofás da sala da sua casa. Ao ver a cena, o pai, homem de formação muito rígida, torceu o nariz dizendo: “é esse o homem que vai dirigir os Correios?” Encerrou dizendo que o pai foi mudando de ideia à medida que acompanhava o resultado do trabalho de Jaime à frente da instituição.

A mesma competência demonstrada por Jaime nas diferentes atividades desenvolvidas no serviço público marcou seu trabalho

na área jurídica, seja prestando serviço a empresas privadas, ou na sua própria banca advocatícia, conforme pode demonstrar após a cassação do mandato parlamentar.

A advogada e colega Laete Fraga foi uma das entrevistas que, a partir da sua larga experiência de trabalho na área advocatícia, deu grande ênfase ao conhecimento e brilhantismo de Jaime no trabalho como jurista. “Do ponto de vista profissional a sapiência era sua marca. Suas petições e pareceres revelavam um poder único de síntese. Enquanto nós outros fazíamos documentos enormes, geralmente contendo argumentos copiados de livros, os de Jaime eram concisos, contemplando apenas filigranas. Aliás, o seu saber jurídico era admirado inclusive por grandes nomes da área no país. Lembro, por exemplo, da surpresa que seu conhecimento causou em Sobral Pinto, quando veio a Sergipe para trabalhar na investigação do assassinato de Euclides Paes Mendonça”.

A propósito, é interessante registrar como Célia Araujo do Nascimento, filha mais nova de Jaime, deu-se conta da importância dele como profissional. Diferentemente dos irmãos, formados em diferentes áreas, ela seguiu o exemplo do pai, ao escolher a formação de Bacharel em Direito. Célia, que teve pouco tempo de convivência com o pai, falecido na véspera do seu aniversário de quinze anos, falou sobre a grata surpresa que teve ao descobrir a dimensão do seu trabalho na área jurídica. Descoberta que teria se dado nos corredores dos Fóruns e do Tribunal de Justiça, do qual é servidora, através de relatos de contemporâneos de Jaime. A imensa capacidade de síntese do jurista e a lealdade foram motivo

de muitos elogios ouvidos daqueles que conheceram seu trabalho.

A retidão de caráter, a lealdade e a honestidade, aliás, foram traços da personalidade de Jaime destacados por todos os entrevistados, os quais, somados ao gosto por viver cercado dos amigos em mesas de bar e na própria residência, contribuíram para fidelizar e transformar tais encontros numa rotina seguida por ele até a data da sua morte. O bar Cacique Chá, como vimos, foi o principal espaço do que, não sei se assim se pode chamar “grupo de Jaime”.

Afora o que já foi dito sobre os encontros de Jaime com os amigos para conversas de toda ordem regadas a muita bebida, eles não esquecem as famosas “domingadas”, acontecidas na própria residência. Iniciadas na casa dos pais, as reuniões dos domingos foram num crescendo até alcançarem o apogeu nos últimos tempos de vida do advogado. “Tais reuniões dominicais, na casa da Rua Joaquim Góes (nome indicado por Jaime) contavam com a presença de bom número dos frequentadores do Cacique, alguns familiares e auto-convidados”, segundo Alberto Carvalho.

A propósito das reuniões domingueiras na residência da família, Selma Fontes lembra que em algumas delas, as pessoas presentes participaram da inauguração de “placas” em homenagem a frequentadores e até a um bebum conhecido na cidade pelo nome de Pipiri.

Convém registrar que as placas de ferro fundido, cobertas com um pano e amarradas com uma fita verde-amarela eram cortadas por Maria Maura no ato de inauguração. Sugeridas por Carlinhos

Machado, foram inauguradas placas com os nomes “Alameda Senador Antônio Tavares”, “Beco do Vomitório” e “Casa de Chá Humberto Santos (Pipiri)”.



Jaime e Antonio Tavares, na “inauguração” da placa com o nome deste.
Aracaju, janeiro de 1985.

O Juiz José Emídio destacou o fato de a casa de Jaime ser “por vezes palco de acirradas discussões, onde ele dizia ao tempo em que ouvia, sem quebrar a amizade com que pelejava”. Os filhos guardam na memória uma forte lembrança da presença dos amigos de Jaime nesses encontros e da paciência com que a mãe encarava os longos domingos de bebedeiras.

No discurso proferido pela Desembargadora Maria Aparecida Gama, Presidente do Tribunal Eleitoral de Sergipe, em 06 de dezembro de 2013, durante a inauguração do Fórum Eleitoral de Maruim, consta a seguinte justificativa para o nome dado ao espaço: “**Respeito, dignidade e honra**, estas três palavras justificam a atribuição do nome do Advogado Jaime de Araujo Andrade a este Fórum.”

Segundo ela, o “Advogado, professor, deputado estadual, participou da vida cultural, social e política de Sergipe, desde estudante até sua morte em 1988, aos 56 anos. Parece que os bons morrem cedo.

Seu traço mais marcante que pode ser testemunhado pelos amigos, que estão a lhe homenagear, era o respeito que lhe devotava. Conselheiro, sabia ouvir e ponderar. Não julgava e não condenava. Tinha entre seu amigos, tanto Juízes, Desembargadores, Secretários de Estado, Ministros, Deputados e Prefeitos, quanto taxistas e garçons. Com sua irreverência e gestos de grandeza, era por todos querido e respeitado.”

DEPOIMENTOS DE ALGUNS AMIGOS

Alberto Carvalho – Jaime Araújo Andrade – Uma lembrança. – Texto datilografado entregue à família post mortem.

“Advogado brilhante, como civilista era o *miglior fabbro* para empresas e clientes outros. Como orientador político era procura-díssimo... Claro que meu relacionamento com Jaime nem sempre foi um campo florido. Tivemos divergências brabas, todas superadas. Dois bicudos. Aí reside a sùmula da suma do homem e amigo: competente, sério, honesto, generoso, Bom pai. Digo tudo”.

José Emídio do Nascimento – Inauguração da Sala Jaime de Araújo Andrade, no Edifício da Justiça Federal, em Sergipe, 5ª Região, 5, em 23/05/1996.

“A seccional da Justiça Federal e a OAB do meu Estado, prestam hoje justíssima homenagem a um advogado que, por muitos anos, militou neste setor judiciário. Plantou ele raízes de amizade sem que comprometesse os interesses jurídicos. Os juízes Federais da época lhe devotavam apreço e, este apreço, era devolvido em forma de sincero comportamento. Estou falando de Jaime Araújo.

Duplamente passional para tecer comentários à figura do homenageado, assumo esta condição sem medo de contraditas. Quando assim afirmo, é porque as pessoas aqui presentes que conheceram o irreverente Jaime, sabem perfeitamente da sua honradez de caráter, do seu saber jurídico, como também como já foi

dito, da sua irreverência.

Deixei de lado sem elencar nas suas virtudes, a lealdade. Traço marcante de Jaime Araújo. Quando digo que não me referi a lealdade como virtude é porque ele assim pensava. Entendia Jaime que as pessoas deviam ser leais, serem cúmplices. Demonstrava amizade combatendo o que ele entendia errado, porém não desprezava, nem ignorava o amigo. A sua casa era por vezes palco de acirradas discussões, onde ele dizia ao tempo que ouvia, sem quebrar a amizade com quem pelejava.

Na trajetória efêmera da vida, Jaime constituiu uma família, onde ele exercia patriarcado democrático. Devotava aos seus um amor à sua maneira. Caso não raro, levava a conhecimento de seus amigos fatos da vida familiar e buscava apoio ou conselho.”

João Augusto Gama da Silva – Jaime Araújo: um exemplo para recordar. Jornal da Cidade – Coluna Opinião. Aracaju, domingo, 11,12/01/2019.

“Tinha por Jaime um afeto de irmão mais novo. Compreendi seus erros e aprendi muito com seus gestos de grandeza que foram tantos. Hoje sei que na vida, com o correr do tempo – e como ele corre – vamos convivendo mais e mais com o passado, e constato que é feliz quem tem no seu passado um Jaime Araújo para recordar”. (Jornal da Cidade – Coluna Opinião – Aracaju/Domingo, 11,12/01/2009).

Afonso de Resende Pacheco – Bancário, Economista e Professor Universitário. Entrevista concedida a Lenalda Santos Andrade, em 10/10/2016.

“Embora conhecesse Jaime desde os tempos de Faculdade, ele estudando Direito, eu Economia, nossa convivência teve início na fase de namoro dele com Maria Maura, uma amiga que fazia o curso de Serviço Social. O fato de ter apresentado Maura a Jaime e de o namoro ter evoluído até o casamento criou uma forte relação familiar entre nós. Casamos na mesma época, ficamos no mesmo hotel em Recife, na viagem de lua de mel e nossos filhos nasceram em datas muito próximas. O trabalho no Banco do Brasil durante o dia e a docência na Faculdade à noite não me deixavam tempo para participar dos encontros diários nas mesas do bar Cacique Chá. Ademais, como nunca fui de gostar muito de política e bebia pouco, o vínculo que nos unia eram as famílias. Um fato que ilustra esse traço da nossa amizade aconteceu quando da sua primeira viagem para a Europa na companhia de Maura. Antes da partida Jaime me entregou um envelope fechado com a recomendação de só abrir se acontecesse algum problema com o casal. Guardei o envelope num cofre e descobri, quando do seu retorno, que Jaime havia me escolhido para ser tutor dos filhos, no caso de morte durante o passeio. Ele era um sujeito que adorava os filhos e a família.

Jaime tinha uma inteligência brilhante e, do ponto de vista político, destaco sua lealdade, honestidade e equilíbrio. “

Manuel Resende Pacheco - Economista e Professor Universitário. Entrevista concedida a Lenalda Andrade Santos em 05/07/16.

“Conheci Jaime quando estudávamos o curso ginásial no Atheneu e tínhamos entre 14 e 15 anos de idade. Logo nos tornamos amigos e companheiros na frequência a um ponto de encontro especial, um bar situado à Rua João Pessoa. Na sequência dos nossos estudos, ele já trabalhando nos Correios e fazendo o Clássico e eu o científico no turno da noite, porque também trabalhava numa loja aberta por meu pai, continuamos partilhando as farras e a militância no movimento estudantil.

Desde os tempos de estudante Jaime já se destacava e galvanizava as pessoas. Pela sua inteligência brilhante e pela irreverência que lhe era própria, os encontros diários no bar Cacique Chá, reunindo estudantes, profissionais de Direito e de outras áreas, acabaram se tornando uma marca. Destaco aqui os nomes de alguns Juízes e Desembargadores que se faziam presentes nos encontros: José Emídio, Valdemar Fortuna de Castro, Serapião de Aguiar Torres, Delmiro Góis, Antônio Andrade de Góis e Alberto Carvalho, onde se discutia política, literatura e muita molecagem. As reuniões eram sempre marcadas pelo bom humor.

Com o passar do tempo novos personagens foram se incorporando aos encontros liderados por Jaime: José Augusto Gama, Geraldo Barreto Sobral, Chico Varela, Antônio Valadares, Francisco Paixão, são alguns dos nomes que me vem à memória.

O amigo bem humorado e leal era também um leitor contu-

maz. Jaime costumava comprar todos os jornais e revistas semanais, o que lhe permitia manter-se bem informado sobre tudo o que acontecia no país.”

Laete Fraga – Advogada. Entrevista concedida a Lenalda Andrade Santos em 08/08/2017.

“Conheci Jaime no Escritório de Viana de Assis, onde comecei a trabalhar no ano de 1966, após concluir o curso de Direito. Os dois juristas eram muito amigos.

Desde logo, descobri em Jaime alguns aspectos pessoais merecedores da minha admiração, dos quais destaco: a retidão do caráter e o jeito conciliador e agregador, responsáveis pelo grande número de amigos que o rodeavam. Além disso, merecem destaque sua correção ética e a solidariedade.

Jaime era brilhante em qualquer área do Direito. Na qualidade de consultor administrativo ele atuou em grandes empresas, como a Usina Pinheiro e a Construtora Norcon. O domínio da legislação política era imenso e a rapidez do seu raciocínio contribuía para um discurso bom de ser ouvido.”

Com a palavra final, os filhos de Jaime de Araujo Andrade:



**Ricardo Fontes
de Araujo Andrade**
Bancário e Contabilista

“Uma das primeiras lembranças de meu pai, foi quando nós estávamos no Calçadão ou no que seria o calçadão da Rua João Pessoa. Eu acho que eu tinha entre seis e sete anos. Meu pai estava se recuperando de um acidente de carro acontecido próximo à ponte do Rio Poxim. Ainda estava com várias marcas alaranjadas de mercúrio.

O que chamou minha atenção foi a quantidade de pessoas que se aglomeravam em torno para conversar com ele.

Fui habituado a uma casa sempre frequentada por muita gente, e, isto talvez, não me fez perceber com clareza a quantidade e variedade de pessoas, que tinham no mínimo, apreço por meu pai.

Não vou falar sobre sua retidão; deixo isso para os adultos que com ele conviveram e com ele trataram assuntos profissionais, financeiros, pessoais – e, que já deram diversos testemunhos sobre seu caráter.

Não sou religioso, mas tem uma frase que diz “o que fazemos nesta vida, reverbera na eternidade”. Não sei se pela eternidade, mas é com muito orgulho, que ao longo destes quase trinta anos da morte de meu pai, me deparei diversas vezes com as evidências de que sua presença deixou marcas profundas na memória afetiva de tanta gente.”

Ricardo Fontes de Araujo Andrade e sua esposa Gezilda Figueiredo Andrade têm uma filha, Mariana Figueiredo Andrade, nascida em 25/11/1997 em Barreiras-BA.

Selma Fontes de Andrade

Engenheira Química
especializada em Engenharia
de Petróleo

“Falar sobre essa figura insólita exige pensar em várias facetas que se desenrolaram numa vida relativamente curta. De criança nascida num lar com muitos irmãos e criada como filho único no lar que o acolheu, passando pelo jovem



que logo cedo começou a trabalhar e a participar das atividades políticas, chegando ao advogado destacado que deixou sua marca nos meios jurídicos e na política. Com uma vida tão plena de realizações, muitas vezes nos esquecemos do lado familiar, de filho que honrava seus pais, de irmão amparador, de marido apaixonado e de pai zeloso.

Como todos nós, tinha suas diversas ambiguidades, dentre as quais destacamos o machismo do homem de família versus o pensamento progressista do profissional do direito. Se por um lado valorizava os valores democráticos, os direitos dos trabalhadores e a profissionalização de mulheres, também revelava pensamentos antiquados sobre a criação dos filhos e sobre comportamentos sociais em geral.

Deixou para os amigos o forte sentimento de lealdade, para os filhos a certeza de que somente a educação e o desenvolvimento acadêmico conduzem ao sucesso, e para o meio jurídico o pensamento pragmático e o exemplo de lisura profissional.

Tivéssemos mais tempo em sua convivência certamente ganharíamos mais histórias pitorescas, mais broncas e mais lições de uma mente à frente do seu tempo.

Selma Fontes de Araujo Andrade e seu esposo Jocélio Franca Fróes não possuem filhos.

Nilma Fontes de Andrade

Engenheira Civil e

Professora Universitária



“Meu pai era um homem sério, de caráter forte e de fala muito direta, mesmo quando dizia algo que desagradasse ao interlocutor. Metódico, a vida dele era para ler. Considerava alienação preferir a prática de esporte ao hábito da leitura.

A lembrança mais forte que guardo dele na minha infância é a de um homem brincalhão, que gostava de se fazer de fantasma para nos assustar e aos filhos de amigos que o visitavam e que nos mandava por roupa de banho para tomar banho de chuva, por exemplo. Embora amoroso com os filhos, ele não era homem dado a demonstrações de carinho.

O fato de ter um pai à moda antiga no controle que exercia na vida dos filhos se tornou um problema na minha adolescência, de forma que, após cursar dois anos de faculdade em Aracaju, resolvi fazer novo vestibular em Salvador, onde residia à época do falecimento de meu pai. Hoje sei que o motivo que me levou a mudar de cidade não foi o incômodo causado pelo temperamento dele, mas o fato de não gostar de viver em Aracaju, que considerava uma

cidade muito provinciana.”

Nilma Fontes de Araujo Andrade é divorciada e tem duas filhas: Camila Andrade Gortaire (04/03/1999) e Bruna Andrade Gortaire (06/04/2000), nascidas em Aracaju.

Célia Araujo Nascimento

Advogada e Técnica Judiciária

“Não foi fácil parar para escrever sobre Meu Pai. Já faz uns dois meses que ensaio para esse momento. Mas a missão estava dada por Selma, então, não podia fugir. Vamos lá.

Foram pouquíssimos anos de convivência, apenas 15. Aliás, sempre fui marcada com essa lembrança triste da morte na véspera do aniversário.

Mas o pouco convívio foi inversamente proporcional ao grande orgulho que passei a sentir com as boas lembranças. A principal delas, a retidão de caráter. Neste particular, inclusive, meu pai foi bom de sangue, porque os quatro filhos têm a mesma virtude, sem esquecer que a junção com minha mãe deixou a mistura com um ponto excelente.



E falando nela, tenho uma lembrança bonita de quanto ele a idolatrava. Claro que isso não era facilmente demonstrado, mas quando ele tomava umas, e ela tinha umas quedas de pressão, ele ficava numa agonia que dava dó. Botava a cadeira ao lado da janela com um copo de cerveja, só tomando conta. Sabia que era uma demonstração de amor, um tanto quanto diferente.

Outros momentos que me emocionaram, ao longo desses anos após sua morte, foram os depoimentos e gestos de algumas pessoas para prestigiar sua memória. Todos, sem exceção, registravam o quão correto e amigo verdadeiro ele foi, deixando marcas positivas e saudosas em muitos.

Claro que nem tudo eram flores. Lembro numa determinada manhã de domingo, com a casa cheia dos amigos que se reuniam semanalmente, quando meu pai gritou lá da garagem “Isquibiriu, a menina mais piolhenta do Brasil!”. Nem preciso dizer que isso era segredo e que fiquei com muita raiva, mas, esse gesto não era nada estranho àquele que não tinha “papas na língua”.

E com isso pego o gancho para mais uma virtude de meu pai: a sinceridade. O mundo seria muito melhor se a maioria das pessoas agisse com a mesma transparência e objetividade dele.

E, finalmente, não vou escrever sobre os pontos negativos. Óbvio que não. Até porque, quando alguém morre, dizem que vira santo. Na verdade, não tenho nada de ruim a dizer, apenas muito orgulho e agradecimento pelo grande legado.”

Célia Fontes Araujo do Nascimento é casada com Luiz Eduardo Costa do Nascimento e têm uma filha, Carolina Araujo do Nascimento, nascida em 15/10/1996, em Aracaju.

HOMENAGENS PÓSTUMAS

A seguir apresenta-se a relação de todas as homenagens *post mortem* recebidas pelo biografado:

- 1.** Rua Jaime Araujo, Conjunto Orlando Dantas, Bairro São Conrado, Aracaju-SE (CEP 49042-505), Lei nº 1.360 de 09 de maio de 1988.
- 2.** Praça Jaime de Araujo Carvalho. Bairro José Conrado de Araujo, conjunto Dom Pedro, Aracaju-SE. Lei Municipal nº 1458 de 30 de dezembro de 1988.
- 3.** Sala da Organização dos Advogados do Brasil na sede da Justiça Federal. Av. Dr. Carlos Rodrigues da Cruz, 1500, Capucho, Aracaju-SE, ano 1996.
- 4.** Grau de Oficial da Ordem do Mérito Serigy - Decreto Municipal nº 63, de 12 de março de 1997. Medalha concedida em cerimônia ocorrida em 17/03/1997.
- 5.** Escola Municipal de Ensino Fundamental Deputado Jaime Araujo. Av. Carlos Marques de Oliveira, 499, Soledade, Aracaju-SE, ano 2000.
- 6.** Homenagem do Serviço Social da Indústria - SESI -. Placa comemorativa concedida em 26/04/2001.
- 7.** Edifício residencial Mansão Jaime Araujo. Construtora Norcon. Av. Min. Geraldo Barreto Sobral, 2021, Jardins, Aracaju-SE, junho de 2005.

8. Sala dos Advogados e Contadores no Tribunal de Contas do Estado. Av. Conselheiro Maciel Porto, Centro Administrativo Gov. Augusto Franco, Aracaju-SE, 20 de outubro de 2005.

9. Fórum Eleitoral Advogado Jaime de Araujo Andrade (14^a Zona Eleitoral). Rua Álvaro Garcês, 485, Maruim-SE, 06 de dezembro de 2013.

10. Assembléia Legislativa de Sergipe. Devolução simbólica do mandato de Deputado Estadual. Palácio Gov. João Alves Filho, Praça Fausto Cardoso, Centro, Aracaju-SE, 05 de outubro de 2015.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, Igor. “Fragmentos da História Constitucional de Sergipe”. Aracaju: Revista do IHGSE, nº 40, 2010.

CABRAL, Mário. Roteiro de Aracaju. Aracaju: Banese, 2001.

CRUZ, José Vieira da. Da Autonomia à Resistência Democrática: movimento estudantil, ensino superior e a sociedade em Sergipe, 1950-1985. Maceió. Edufal, 2017.

DANTAS, Ibarê. A tutela militar em Sergipe, 1964/1984: partido e eleições num estado autoritário. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.

_____. História de Sergipe: República (1889-2000). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2004.

_____. Leandro Maynard Maciel na política do século XX. Aracaju: Criação, 2017.

_____. Os partidos políticos em Sergipe (1989-1964). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.

FRANCO, Josevanda Mendonça. José Figueiredo: vida e obra de um sergipano de coragem. Aracaju: Instituto Banese, 2015.

MATOS NETO, Antônio Porfírio. História de Frei Paulo. Aracaju: Gráfica J. Andrade, 1999.

MELLINS, Murillo. Aracaju romântica que vi e vivi. 3^a ed – Aracaju: UNIT, 2007.

NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. “Memórias da Resistência”. Aracaju: Criação Editora, 2019.

NASCIMENTO, José Anderson. Retrospectiva Histórica do Curso de Direito. UFS – História dos cursos de graduação. Maria Stella Tavares Rollemberg e Lenalda Andrade Santos (org). São Cristóvão/SE: 1999.

NUNES, Maria Thetis. Sergipe Colonial I. Sergipe: Universidade Federal de Sergipe; Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.

Revista do Tribunal de Contas do Estado de Sergipe. Ano III – n^o 17. Set/out/2005.

SILVA, João Augusto Gama da. “Memórias de Ibiúna”. Revista Cumbuca, Ano II, N^o 8. Aracaju: Edise, 2014.

ENTREVISTADOS

Afonso de Resende Pacheco (10/10/2016)

Baltazarina de Araujo Barbosa (Agosto/2016)

Edson Araujo Luz (19/08/2016)

João Augusto Gama (26/11/2016)

Francisco Varela (26/11/2016)

Laete Fraga (08/08/2017)

Manoel Resende Pacheco (05/09/2016)

Maria Acácia Fontes Carvalho (11/01/2021)

